

Prosas dispersas

Guerra Junqueiro

Freeeditorial 

O "SACRÉ-COEUR"

É no alto de Montmartre, dominando Paris. Topografia simbólica, desafio da Igreja à Revolução. Daquela altura, a cidade fabulosa dir-se-ia o plano topográfico, a maquete efémera duma Babilónia colossal. A cúpula de ouro dos Inválidos lembra, pela forma e pelas dimensões, um capacete persa flamejante, e os dois braços amputados das duas torres de Notre-Dame têm dez metros de altura, quando muito. Do estrondoso e estonteador brouhaha da vida de Paris não chega àquela iminência religiosa mais do que um largo murmúrio evaporado, como que o hálito longínquo, a ressonância extinta de alguma forja de ciclopes.

O templo, enorme, é de arquitectura bizantina. O gótico fugitivo, esbelto e rendilhado, principiando num soluço, erguendo-se num ai, e ter minando, exânime, num grito de flecha agudo e lancinante, era pouco sólido.

Na catedral quase que há mais alma do que mármore. Mesmo de granito, chega a ser incorpórea. As suas colunas, de uma tenuidade vertiginosa, sobem instantâneas, como o raio desce. São, por assim dizer, jactos de fé petrificados, troncos rectilíneos de palmeiras místicas, que se embebem sofregamente pelo azul, expluindo lá cima numa girândola de nervuras, numa ramaria côncava de abóbadas. A imponderabilidade extática e descarnada ergue-a da terra, mina-lhe o alicerce. E bela, é sublime, mas frágil. Um sopro a leva.

O "Sacré-Coeur" é, como devia ser, uma fortaleza bizantina. Levantada ousadamente no alto de Paris, tem a defender-se de Paris. Os muros são de uma espessura de monumento egípcio. Há naquela arquitectura o quer que seja de engenharia militar. E um reduto de dogmas.

Não está concluído. Falta-lhe o tecto por enquanto. A maciça obesidade inabalável dos enormes pilares ascende vagarosamente à força de monólitos, à custa de toneladas. Que diferença do templo gótico, por cujas agulhas, incisivas e aéreas, a alma se evade, como um fluido eléctrico, chegando-se a procurar lá no alto, no topo das torres, no ápice das flechas, crepitações de estrelas, santelmos de orações...

Fui ao "Sacré-Coeur" em Junho, num domingo esplêndido. A luz um sorriso, o azul uma bênção. Havia nesse dia uma romagem. Cinco a seis mil devotos, pelo menos. Incorporei-me no préstito que, antes de entrar, deu uma volta à igreja imensa, entoando num coro, melancolicamente formidável, uma espécie de marselhesa do amor divino, um cântico abrasador de esperança e de piedade, em que havia ao mesmo tempo rugidos indómitos de oceano, reboadas de angústia, trinos de inocência, ais de viuvez.

Primeiro desfilaram os homens, graves, modestos, respeitáveis, com aquele ar de nobreza fisionómica de quem possui uma crença, uma luz interior, uma alma simples.

Depois as mulheres, esposas e mães, que vinham ali acrisolar a sua fé, bálsamo único para as lutas da vida, para as amarguras do destino.

Depois, como áleas ridentes de amendoeiras em flor, centenas de virgens virginais, o lábio puro, a fronte cândida, o olhar transparente, todas envoltas da cabeça aos pés em nuvens aéreas de musselina, de uma graça intacta, de uma alvura de pombas. Dir-se-iam corpos de açucenas vestidos em túnicas de luar.

Por último, a infância, pequerruchos de 6 a 8 anos, botões de rosa, embriões de almas, a passinhos miúdos, num encanto de glória, num êxtase de sonho.

E as vozes dos homens, másculas e robustas, casavam-se com as vozes plangentes e lagrimosas das mulheres, com a angélica e translúcida pureza do cântico das virgens e com o balbuciamiento cristalino dos mil gorjeios infantis.

Encheu-se o templo e começou o sermão. O tecto da igreja era o céu azul. As dalmáticas do clero e os estandartes dos peregrinos, tecidos a prata, bordados a ouro, dardejavam frementes. O pregador falava de ao pé de um altar provisório de madeira, coberto a damascos. Dezenas e dezenas de borboletas brancas volitavam sobre a multidão ajoelhada, sobre a cruz do sacrário e sobre a teologia do pregador.

A Igreja vive ainda e viverá, senti-o nessa hora, do cristianismo eterno que tem dentro.

Por isso, a Igreja se não destrói, perseguindo-a, arrancando-lhe o ouro das arcas, os anéis dos dedos, os brocados do corpo. Nos dias sublimes e longínquos da sua infância maravilhosa, rota, sem pão, descalça, viveu em antros, gemeu nas galés, os tigres morderam-na, varou-a o ferro, queimou-a o fogo, trezentos anos a perseguiram, milhões de vezes a crucificaram, e, das contínuas mortes da sua carne, ergueu-se, ileso e luminoso, a sua imortalidade espiritual. E quando mais tarde, dominadora e deslumbrante, no trono de César, foi a rainha única do Mundo, para quebrar-lhe a onnipotência, bastou a voz de um monge solitário.

A dor eleva, a dor exalta, a dor diviniza. O cristianismo gerou-o o Amor e a Dor, nasceu, escorrendo sangue, numa cruz. A opulência pagã da Igreja foi o crime da Igreja. Quanto mais simples e mais humilde, mais vitoriosa e mais robusta.

Também se não destrói a Igreja, destruindo Jesus. A essência do cristianismo é universal e é eterna, imanente à vida. Houve cristãos sem conta antes de Cristo, cada santo que surge é um continuador de Cristo que aparece, e todo o homem que, sendo deísta, se eleva a um alto grau de moralidade, torna-se por esse facto um cristão verdadeiro. Cristo é filho do Espírito Divino, porque é filho do ideal humano sublimado, e este é o reflexo directo do Espírito de Deus.

Negar o cristianismo implica, pois, uma loucura monstruosa: negar Deus. Muitos o negam verbalmente, e a Ele se encaminham pela virtude e pelo esforço. E outros, que se julgam íntimos de Deus, nem de longe o conhecem, porque a todo o momento o estão

negando nos seus actos, embora o afirmem nas palavras, loucas umas vezes, outras vezes hipócritas.

Deus é a infinita perfeição, porque é Amor Infinito, sentindo e vencendo a infinita dor. Os mais amorosos são os que mais se lhe chegam, e os mais egoístas, os mais afastados e os mais ímpios.

O Mundo caminha para um cristianismo integral, puro e perfeito, que absolutamente harmonize coração e razão, ciência e fé, natureza e Deus.

A escola sem Deus é o infinito sem rumo, é o Universo morto, decapitado.

1888. (1)

ANTERO DE QUENTAL

O DRAMA DA SUA VIDA

I

Houve em gérmen, em Antero de Quental, um santo, um filósofo e um herói.

Herói, isto é, o idealista trabalhador, o visionário homem de acção, o revolucionário ardente e generoso, cuja figura impávida se destaca com um relevo bélico de atleta e uma fulgurância juvenil de aventureiro iluminado. É o Antero da mocidade. Conheci-o ainda. Mostraram-me há dias um retrato dessa época. Era ele, lá estava a mesma cabeça resplandecente e vigorosa: a juba de oiro leonina, a testa curta de Hércules Farnésio, o olhar azul, cheio de intrepidez e de candura, e o lábio virgem, de uma pureza helénica, de uma frescura silvestre e matinal. Este Antero, impetuoso e combatente, alegre figura indómita de paladino, morreu novo.

Filósofo, isto é, o espírito abstracto e metafísico, vivendo não a vida efémera e relativa das aparências e dos fenómenos, mas a vida invisível e íntima do Universo, interrogando não o como, mas o porquê da existência, librando-se, ávido de infinito, no Tempo e no Espaço, a contemplar até à morte o enigma eterno.

Nas almas medíocres e superficiais actua sobretudo a realidade transitória das linhas e dos sons, das formas e das cores. As naturezas elevadas, ao contrário, são sempre subjectivas e metafísicas.

Explicar a existência, atingir o infinito, eis para elas o martírio cruciante, a necessidade inexorável. E à medida que os anos decorrem, que os apetites se extenuam, que a animalidade se adelgaça, mais o espírito idealista se vai libertando das exterioridades enganadoras do mundo tangível e material.

Em Antero foi inato e precoce, irresistível e orgânico, esse dom de filosofia, de curiosidade transcendente. Desde moço ao fim da vida cravou os olhos hipnotizados no mistério supremo do au delà.

As teorias duravam-lhe meses ou semanas, mas, aniquilada uma, architectava outra, porque o seu pensamento superior não podia exilar-se do infinito sem raias para a mesquinhez anedótica da estreita vida dos sentidos.

Enquanto novo e combatente, a acção equilibrou nele a contemplação, e a plethora de saúde e o movimento da luta não lhe deixavam derivar todas as energias anímicas para as regiões supremas e vertiginosas da eternidade e do absoluto. Era um balão cativo. A doença partiu o cabo, e lá foi o aeróstato levado pelos ares, através de nuvens, através de raios, através de estrelas, num voo de águia alucinada e fabulosa, até desaparecer e engolfar-se para sempre no abismo infinito, onde as miríades sem conta de nebulosas e de mundos são argueiros invisíveis e fogos-fátuos instantâneos.

O santo, isto é, a alma para quem a virtude é o fim único da vida, o motivo soberano da existência. Antero aliou à grandeza intelectual a grandeza moral. Ao talento correspondia o carácter. Razão vigorosa, consciência límpida. Há moralistas imoralíssimos. Em Antero, concordância plena, identificação ininterrupta do escritor com o homem. Mais bela ainda que os seus livros, a sua vida.

Mas nem o heroísmo, nem a filosofia, nem a virtude criariam, de per si só, o grande, o imorredouro poeta dos dois últimos livros dos Sonetos. O poeta anterior era de segunda ordem. Quem operou então a maravilha? O sofrimento. A doença, aniquilando-o, imortalizou-o.

II

Analisemos um pouco.

A personalidade de Antero, inicialmente, desdobra-se da seguinte forma:

Consciência de justo, cristalina, límpida, inalterável, levando, pelo cumprimento do dever, ao heroísmo e à santidade.

Razão metafísica, inquieta e perplexa, ardentemente buscando o segredo do ser, o enigma da existência, o destino do homem.

E, enfim, um princípio mórbido (almas inferiores), no organismo ligado às duas modalidades supremas, e, ora adormecido ou vencido, deixando-as expandir livremente, ora rebelde e venenoso, intoxicando a vontade, agonizando a razão, mas nunca destruindo o brilho virginal e perene da consciência e do carácter.

A vida de Antero, desenrolando-se harmónica e luminosa, num jogo acorde e fecundo da consciência e da razão, sem que o elemento mórbido, por crises, lhe houvesse nunca dificultado ou modificado a trajectória, dar-nos-ia decerto, não talvez um grande poeta, mas antes um grande herói, ou um grande santo. Não um grande poeta, tomando a palavra no sentido restrito da literatura, pois que, na essência e verdadeiramente, é Nuno Álvares ainda maior poeta do que Camões e S. Francisco de Assis maior poeta do que Nuno Álvares. Heroísmo, génio, virtude - três momentos do mesmo ser, três aparências da mesma realidade: O Espírito evolucionando para Deus.

Em Antero, dada a sua nobreza moral, a filosofia não significa apenas a curiosidade do intelecto. A ideia torna-se nele em condutora da vida, em norma da existência. As abstracções fazem-se sangue, o verbo faz-se carne.

Há, como disse, naturezas de moralidade baixa e mentalidade superior. Em Antero, o senso moral não desfalece nem hesita. Mas no herói e no santo as ideias, logo que nascem, traduzem-se em actos. Pensar é executar, conceber é realizar. Em tais criaturas, a alma divina subjuga e vence as suas almas inferiores. E dominando-as, dominam o Mundo.

Porque não foi Antero um desses homens?

Por duas causas:

A influência deletéria do elemento mórbido e a disparidade continua da consciência e da razão, ante o problema metafísico.

A consciência, agulha reveladora, marcando, imóvel, o seu norte - Deus. A razão, inquieta e desvairada, oscilando, febril, numa tremura de angústia, hoje apontando o desalento, amanhã o desespero, uma hora, a indiferença, outra hora, a dúvida, fechando cada período de ansiedade por um momento de equilíbrio, equilíbrio que de novo se destrói para de novo se encontrar, e que só ao cabo de vinte anos definitivamente se realiza, pela comunhão de toda a alma na luz absoluta da mesma fé.

Por noite negra e mar tormentoso, um barco frágil a duas bússolas guiado, esta indicando sempre a única estrelinha do horizonte, aquela, meia louca, continuamente vacilando, paralelas ambas de fugida, logo diversas e contrárias, até se fixarem, por último, na direcção unânime da mesma estrelinha redentora.

Daí, a ausência daquela unidade psicológica característica dos grandes heróis e dos grandes santos; daí, a terrível batalha espiritual que fez de Antero um homem de génio, por fazer dele um extraordinário desgraçado.

O drama da Consciência e da Razão, eis, afinal, a obra.

Destruída aos dezoito anos a unidade da alma pela morte da crença, a Razão liberta-se, o drama principia. Várias vezes o escreve, e outras tantas o renova, e de cada vez mais intenso, mais largo, mais profundo. Os dois últimos livros dos Sonetos são o drama definitivamente imortal. As versões anteriores, onde há páginas admiráveis, não chegam ainda à grandeza épica e soberana que o tempo não amesquinha, que a eternidade não dilui. E que no poeta das odes agita-se ainda o revolucionário. Os entusiasmos do batalhador encurtam a visão do filósofo. O choque das armas embebeda-o, a cólera exalta-o, e o cisco da arena revolvida empana-lhe as profundidades do horizonte. Soldado bravio e generoso, das rimas faz lanças, das odes faz metralha. Imprime à sua arte um cunho indelével de nobreza moral, mas diminui-lhe o alcance e a estabilidade, pelo ardor momentâneo que a produz, pela ideia efémera que a vitaliza. Arte incompleta.

Chega a hora divina, a hora do sofrimento. Ei-lo por terra, o lutador. Em bocados a lança, crivado de golpes, agoniza imóvel. Um rebelde exausto, um Prometeu paralítico. Quase um cadáver.

O mundo concreto, o mundo das formas, evaporou-se. Nem pés para o andar, nem mãos para o palpar, nem olhos para o ver. Onde estava? No Infinito. A que horas? O quadrante da ideia marca uma única - a Eternidade. O Espaço, eis o lugar; o Tempo, eis o minuto.

E é nesse cenário formidável que o drama titânico vai desenrolar-se.

Drama genial. Tinha de o ser.

A consciência virtuosa do justo mais bela do que nunca. A razão do filósofo, exaltada, amargurada e patética. E a forma do artista, isenta de contágios, grandiosa e simples.

E o drama, em si, o mais alto e veemente que no espírito humano se desencadeia e tumultua. O drama da Vida e do Destino.

Porém, só a razão e a consciência, aliadas à arte, não o gerariam ainda. Dos elementos de um corpo ao corpo vivo, que distância enorme! Que é um diamante? Carbone puro. Que é um rubim? Alumínio, bórax, cromato de potassa. Mas que temperaturas prodigiosas, que combinações desconhecidas, que electricidades genésicas, para daí formar a estrela de um diamante ou a lágrima sanguinolenta de um rubim!

Na obra imortal do poeta a centelha divina foi o Amor e a Dor. E que admira que produzisse o Génio, se ela quase produz a Divindade! De um justo, atribulando-o, faz um santo, e de um santo, crucificando-o, faz um anjo. A evolução da natureza, desde um mineral até um Cristo, desde um infusório até um Buda, não é mais que a infinita passagem do amor através do sofrimento, do espírito através da dor. Em vidas sem conta, em vidas inumeráveis, pelo Amor e pela Dor, pode a alma vegetal da cruz atingir quase em perfeição a alma celeste do seu crucificado.

1894.

O CANTADOR

PREFÁCIO AO LIVRO DO CANTADOR DE SETÚBAL

Que título augusto, que nome ideal para um vivente - o Cantador!

O homem que canta! Este verbo cantar é sagrado, como o verbo florir ou o verbo resplandecer. Os ritmos silentes do Universo traduzem-se pelo som nos ritmos do canto. Cantar é divinizar o som. A vida inteira é harmonia inteira. Quer os glóbulos do sangue, quer os glóbulos astrais movem-se por música. Um sol é um órgão e a luz uma sinfonia esplendorosa. O prisma decompõe-na, a óptica descreve-a, mas defini-la só o canto. O canto, matemática viva, eis o revelador da natureza, a língua suprema do Universo.

O Cantador! Que nome ideal para um destino! Ser o cantador, ser a voz da água e do vento, da rocha e da floresta, dos homens e dos monstros, dos infusórios e dos sóis, das nebulosas e dos átomos! Cantar o riso, o beijo, o olhar, a dor, a lágrima! Cantar o sangue impetuoso, as seivas genésicas, os fluidos radiantes, as marés vitais, as electricidades criadoras! Cantar as formas e as essências, números que dizem ideias, linhas que desenham espíritos! Cantar a marcha heróica e resplandecente do lodo para o verme, do verme para o tigre, do tigre para o homem, do homem para o anjo, dos anjos para Deus! Cantar o Gólgota do Ser, a Paixão do Viver, a cruz eterna e formidável que a natureza leva aos ombros! Cantar, enfim, o amor e a dor, o drama religioso do Universo. E o drama do Universo cantá-lo ao Universo inteiro, desde a cinza da urze ao pó dos astros infinitos. Ser o Cantador! não ter outro nome. Quem és?

O Cantador. Quem te criou? A vida imortal. Onde nasceste, onde moras? Na vida imortal. Que fazes? Sou o Cantador, canto a vida imortal. E o último suspiro mandá-lo à vida imortal, no seu último canto! Ah! como eu te invejo, meu pobre e humilde Cantador de Setúbal! Tu foste, na tua ignorância, a alma lírica e luminosa dos deserdados e dos simples. Foste o eco risonho das suas alegrias, a voz amorosa e meiga dos seus desalentos e pesares. Canto de cuco, sempre o mesmo canto, singelo e monótono! Embora. A raiz chupa ao lodo a flor que nasce na vergôntea. Tu, do lodo da vida, extraíste a canção que é a flor em música. Mas a flor vem de ano a ano, e tu andas florido, que Primavera! há mais de meio século. És o Cantador! És o Cantador! Por mais de meio século, ao ritmo do teu macete martelando no escopro, aparelhaste barcos e canções: barcos levando esperanças e misérias, canções levando lágrimas e risos. E que são barcos senão harmonias flutuantes? Uns em águas cristalinas deslizam como ídolos, outros, como epopeias, sulcam voragens e tormentas. Sob o esplendor de ocasos outonais, recordo-me de ver em baías ermas, galeras melancólicas, a concha sinuosa, os mastros nus e fugitivos, aereamente destacando, à luz ideal, as cordas leves e puríssimas. Não são navios, dizia eu, são harpas boiando, harpas gigantes que flutuam. Harpas de sonho, para dedos de sombra e misereres de luar...

Mas agora dou fé que, sem o querer, estou cantando e não percebes o canto. Falar-te-ei com simplicidade, para que me entendas.

Não sabendo ler nem escrever, és um grande poeta, meu ignorante e ignorado Cantador de Setúbal. Os grandes poetas são os grandes homens e a grandeza humana, aos olhos de Deus, mede-se pela virtude, pela inocência, pelo sentimento verdadeiro da nossa alma, pela ternura infantil do nosso coração. Ora, a tua bondade, meu velho, exala-se das tuas cantigas sem arte, como um aroma delicioso de um matagal inculto, que nasceu entre pedras. O vício não te manchou, o crime não te desonrou. Ganhaste com o suor da fronte o pão de cada dia, com a alma em Deus abriste o olhar a todas as manhãs, e todas as noites, tranquilo, na misericórdia de Deus adormeceste. Arrancaram-te lágrimas piedosas os tormentos do Mundo, guerras, fomes, flagelos, desastres, misérias, iniquidades. Amaldiçoaste a soberba, cuspieste no dolo e na tirania. Bondade ingénua, pobreza santa, alegria clara, eis o resumo simples da tua vida. Bem poucos mortais, à hora extrema, poderão dizer o que tu dizes:

Nunca fui mal procedido,
Nunca fiz mal a ninguém;
Se acaso fiz algum bem,
Não estou disso arrependido.
Se mau pago tenho tido,
São defeitos pessoais;
Todos seremos iguais
No reino da eternidade:
Na balança da igualdade
Deus sabe quem pesa mais.

Sim. Na balança invisível da igualdade, na balança de Deus, acaso pesarão mais as tuas cantigas de analfabeto que muitos poemas ilustres, já consagrados pela história. Maior do que eu és tu, sem dúvida. Maior, porque és melhor. Tu foste bom continuamente, e eu, querendo sê-lo muitas vezes, poucas o fui, na realidade. Venero-te. Venero em ti a beleza única, a beleza moral.

Cantador humilde, Cantador velhinho, em paga do meu afecto, manda-me de longe a tua bênção.

1901.

RAUL BRANDÃO

CARTA-PREFÁCIO AOS POBRES

O seu livro é a história patética de uma alma. Qual? A do Gebo, a de Luísa, a de Sofia, a da Mouca, a dos Pobres, enfim? Não. A sua. Histórias diversas que se resumem numa história única: a da sua alma, transitando almas, a da sua vida, percorrendo vidas. Autobiografia espiritual, dilacerada e furiosa, demoníaca e santa, blasfemadora e divina. Confissão verdadeira, plena, absoluta de um organismo que sente a música misteriosa do Universo, de um coração que repercute a dor eterna da natureza, mas que só ao cabo de oscilações, dúvidas e desânimos, coordena a idealidade do ser com as aparências do ser, o espírito com as formas, o Deus - amor e beatitude, com a matéria - crime e sofrimento.

Não vejo diante de mim um poema estéril, obra dos sentidos, da imaginação e da volúpia. Vejo um acto profundo, espontâneo, de imensidade religiosa. O homem que se confessa abala-me e deslumbra-me. Não a confissão mentirosa, a confissão vulgar, da boca que tem dentes, para o ouvido que tem sombras. Não a confissão-análise, a confissão dos críticos, rol de inteligência, catálogo de ideias. Mas a esplêndida confissão das almas vertiginosas, desagregando-se, transidas de eternidade e de mistério. Como o fogo devorador dissocia o rochedo, há labaredas ignotas que dissociam as almas. E, se tais almas se desdobram, a natureza denuncia-se. O homem é um resumo ideal da natureza. Andou o infinito e lembra-se; andaré o infinito e já o sonha. Quando o génio explui, conta-nos a natureza a sua história. O génio supremo é o santo. O verbo santo, eis a língua clara do Universo.

As confissões augustas são as dos poetas e dos santos. No homem vulgar, a personalidade rígida encarcera e coalha as personalidades voláteis e difusas. O inconsciente imenso não acorda, porque está, como um aroma, dentro de um bloco duro, impenetrável. É o sonho cativo num ovo hermético de bronze. As almas emotivas dos grandes visionários, essas conservam aquela graça radiante, aquela omnipresença espiritual que as deixam embeber, mover, existir na fraternidade cósmica e divina. O sonhador dos Pobres é um evocador atormentado e religioso. Busquei no seu livro a imagem ardente da sua alma. Vamos ver se a desenho com rapidez e precisão.

Alma vibrátil e fugaz, olhando a natureza, o que sentiu? Assombro, esplendor, pavor, enigma, deslumbramento. Tudo vive, deseja, estremece, palpita, murmura e sonha. Tudo vive, tudo vive: o homem, a fera, a rocha, o lodo, a água, o ar, braseiros de mundos, aluviões de nebulosas, incorporeidade genésica do éter. Fervedoiro de vidas insondáveis que o tempo não esgota, porque a morte criadora continuamente o desorganiza e reproduz em formas novas e diversas. E todas se cruzam, beijam, penetram, correspondem. E uma teia vertiginosa de fios sem fim, de fios móveis, ondeantes, cambiantes, urdindo-se ela mesma, na eternidade impenetrável, sem ninguém ver o tecelão. Rigidez, solidez, inércia, não existem. Na fraga mais dura, no

bronze mais compacto, circulam desejos, dramas, turbilhões de moléculas e vontades. As cordilheiras inabaláveis são redemoinhos dentro de enxovias. O concreto dilui-se, o material evapora-se. O Sol, tombando, aniquilaria cardumes de planetas, e a luz do Sol, que é sol volatilizado, pesa menos que uma folha de rosa na mão de uma criança. Em cada bloco metálico latejam oceanos dormentes, de vagas fluidas, invisíveis. Acordem-nos, e o bloco obtuso, electrizado, irradia no éter. Vede um penedo monstruoso: Parece firme. Desagregou-se, e é lama; a raiz tocou-lhe, e é seiva; a seiva gerou, e é flor e fruto; o fruto, alimento; o alimento sangue; e o sangue vermelho, corpo que caminha, carne que fala, cérebro que pensa. Natureza! Universo!... Vidas infindáveis eternamente circulando numa vida única. Assombro, esplendor, pavor, deslumbramento! O homem vacila, desmaia, quer equilibrar-se..., mas onde, se não há terra em que poise, nem muro a que se encoste?! Tudo impalpável, fugaz, incerto, ilusório, ilimitado..., tudo vida, tudo sonho, tudo voragem... Se baixa os olhos do imenso ao grão de areia, o grão de areia, infinitésimo, resolve-se-lhe em vidas infinitas. Quer contemple o Universo, quer examine um corpúsculo, a alma engolfa-se, estonteada, no mesmo abismo devorador e criador.

Abismo de aparências ocultas, abismo de vozes que se não ouvem. A natureza taciturna exprime-se magicamente, em línguas vagas, silenciosas. E quando num pouco de cisco murmuram mais vontades do que bocas humanas há na Terra, o que não dirá o colóquio formidando de todas as vontades do Universo! Tem cada organismo a sua língua peculiar. Os que vivem mais próximos entendem-se melhor. O ar segreda à água, a raiz ao lodo, a luz à folha, o pólen ao ovário. Há fluidos que se casam, raízes que se querem bem. O oxigénio é íntimo do ferro, o azougue é íntimo do oiro. Os orbes fraternizam, os metais amalgamam-se, e as electricidades sexuadas buscam-se avidamente, para copular!

Matéria infinita - forças infinitas, infinitamente caminhando. E no pélagos vertiginoso da mobilidade universal é cada átomo invisível um desejo que nasce, um desejo que sente, um desejo que fala...

O léxicon, sem principio nem fim, das vozes mudas do incriado, das línguas tácitas da natureza, alguém o ouviu que se recorde? Alguém. O homem, crisálida do anjo, foi monstro e planta e verme e rocha e onda; foi nebulosa, foi gás impalpável, foi éter invisível. Articulou todas as línguas, e delas conserva, obscuramente, vagas memórias dormitando. Por isso, os poetas adivinham, e raros com a intuição prodigiosa do meu amigo.

Abreviando: A sua alma, diante do Universo, reagiu por três formas ou em três fases emotivas. Estudei a primeira - a emoção dinâmica. O Mundo resolve-se-lhe num jogo de forças, num conflito de vontades, brigando, casando-se, transfigurando-se em aparências rápidas, ilusórias. Tudo se move, tudo quer e tudo vive.

Mas, que é a vida? Chega à segunda fase. Desliza da emoção dinâmica à emoção moral. Depois de ver o Mundo através dos sentidos, julga-o através da razão e da consciência.

Que é a vida?

A vida é o mal. A expressão última da vida terrestre é a vida humana, e a vida dos homens cifra-se numa batalha inexorável de apetites, num tumulto desordenado de egoísmos, que se entrecrocavam, rasgam, dilaceram. O Progresso, marca-o a distância que vai do salto do tigre, que é de dez metros, ao curso da bala, que é de vinte quilómetros. A fera, a dez passos, perturba-nos. O homem, a quatro léguas, enche-nos de terror. O homem é a fera dilatada.

Nunca os abismos das ondas pariram monstro equivalente ao navio de guerra, com as escamas de aço, os intestinos de bronze, o olhar de relâmpagos, e as bocas hiantes, pavorosas, rugindo metralha, mastigando labaredas, vomitando morte.

A pata pré-histórica do atlantossáurio esmagava o rochedo. As dinamites do químico estoiram montanhas, como nozes. Se a presa do mastodonte escavacava um cedro, o canhão Krupp rebenta baluartes e trincheiras. Uma víbora envenena um homem, mas um homem, sozinho, arrasta uma capital.

Os grandes monstros não chegam verdadeiramente na época secundária; aparecem na última, com o homem. Ao pé de um Napoleão, um megalossáurio é uma formiga. Os lobos da velha Europa trucidam algumas dúzias de viandantes, enquanto milhões e milhões de miseráveis caem de fome e de abandono, sacrificados à soberba dos príncipes, à mentira dos fariseus e à gula devoradora da burguesia cristã e democrática. O matadouro é a fórmula crua da sociedade em que vivemos. Uns nascem para reses, outros para verdugos. Uns jantam, outros são jantados. Há criaturas lóbregas, vestidas de trapos, minando montes, e criaturas esplêndidas, cobertas de ouro e de veludo, radiando ao sol. No cofre do banqueiro dormem pobreza metalizadas. Há homens que ceiam numa noite um bairro fúnebre de mendigos. Enfeitam gargantas de cortesãs rosários de esmeraldas e diamantes, bem mais sinistros e lutuosos que rosários de crânios ao peito de selvagens.

Vivem quadrúpedes em estrebarias de mármore, e agonizam párias em alfurjas infectas, roídos de vermes. A latrina de Vanderbilt custou aldeolas de miseráveis. E, visto os palácios devorarem pocilgas, todo o boulevard grandioso reclama um quartel, um cárcere e uma forca. O deus milhão não digere sem a guilhotina de sentinela. Os homens repartem o globo, como os abutres o carneiro. Maior abutre, maior quinhão. Homens que têm impérios, e homens que não têm lar.

Os pés mimosos das princesas deslizam, luzentes de ouro, por alfombras, e os pés vagabundos calcam, sangrando, rochedos hirtos e matagais. Bebem champanhe alguns cavalos de desporto, usam anéis de brilhantes alguns cães de regaço, e algumas criaturas, por falta de uma côdea, acendem fogareiros para morrer. Bendito o óxido de carbono que exala paz e esquecimento! E a natureza insensível ao drama bárbaro do homem! Guerras, ódios, crimes, tiranias, hecatombes, desastres, iniquidades, deixam-na tão indiferente e inconsciente, como o rochedo imóvel, bulindo-lhe a asa de uma vespa. O clamor atoador de todas as angústias não arranca um ai da imensidade inexorável. A

aurora sorri com o mesmo esplendor aos campos de batalha ou ao berço infantil, e as ervas gulosas não distinguem a podridão de Locusta da podridão de Joana d'Arc. Reguem vergéis com sangue de Iscariote ou com sangue de Cristo, e os lírios inocentes (estranha inocência!) desabrocharão, igualmente cândidos e nevados.

A humanidade, enfim, é a vitória dos arrogantes sobre os humildes, dos fortes sobre os débeis, da besta sobre o anjo. E tendo de escolher entre vencidos e vencedores, entre o amor e o ódio, o mal e o bem, o riso e as lágrimas, o seu coração misericordioso de poeta inclinou-se espontaneamente para a Dor, como as vergôntes para a luz.

A dor é o seu deleite. Busca-a, desejo febril! - por hospitais, por cadeias, por antros, por alcoices. Fareja-a de noite nos bairros leprosos, cloacas de humanidade, vazadoiro de almas, onde crimes, virtudes, vícios, angústias, raivas, desesperos, fermentam promiscuamente, aglomerados e abandonados, como esterqueiras, como entulhos. Pesquisa dédalos caliginosos, cafurnas sem fundo, abismos hiantes, boqueirões de sombra. Explora desvãos, trapeiras, minas, covas, esconderijos. Louco de piedade, engolfa-se nas trevas mudas e soturnas, que gotejam sangue, nas roucas escuridões tumultuosas, pávidas de gemidos, cortadas de clamores, anavalhadas de blasfêmias.

E do âmago dessas noites insondáveis pululam turbas espectrais de crucificados, hordas de monstros, bandos de misérias, cardumes de abominações e de agonias. Ululam tropéis disformes e sangrentos, regougam fauces patibulares, choram, coroadas de úlceras, Madalenas lívidas, bocas de escárnio crocitam sem dentes e sem pudor, arquejam ralas estertorantes, gemem crianças vagabundas, tosem tísicos, ardem febres, luzem gangrenas e podridões... E tudo vago, indistinto, confuso num rumor longo e subterrâneo. Não se destacam, não se desenham as formas. Olhos, bocas, gestos, relampeando na sombra... Nada mais. A sombra voraz esbate as linhas e os contornos. E o mundo caótico da miséria, que a noite pútrida gerou e a noite soturna há-de engolir... E o seu mundo, o mundo dos pobres, meu grande visionário, quase desconhecido e genial.

Homens de gosto colecionam quadros ou estátuas. O meu amigo coleciona dor. Não em galerias ou museus, como quem se dedica ao estudo biológico das várias formas de sofrer. Quando uma chaga aterradora o surpreende, não a envasilha num frasco, guarda-a no coração.

Conta-lhe os ais, não os micróbios. Em vez de a analisar, decompondo-a, analisa-a beijando-a. No seu laboratório químico existe apenas um reagente que dissolve tudo: lágrimas.

O poeta dos Pobres não é um romancista. A alma do evocador fluidicamente se desagrega nas almas de sonho que ele evoca. Dir-se-iam espelhos, brancos, verdes ou azuis, planos, côncavos ou convexos, reflectindo todos eles um único semblante, que julgamos distinto, porque aparece deformado.

Chamei aos Pobres uma confissão religiosa. Não há dúvida. Os seus pobres, meu amigo, são bocas de visões, articulando a alma de um vidente. Falam a sua língua e contam-nos a sua história. Não a história, no minuto e na rua, do homem sicrano, mas a história, no espaço e no tempo, do homem infinito, que vem de Deus e para Deus caminha.

No drama dos Pobres há dúzias de actores e um só personagem: o dramaturgo. As suas figuras não constituem individualidades reais, caracteres verosímeis, logicamente arquitectados e definidos pelas inúmeras causas de existência, conglobados em duas ordens genéricas - a herança e o meio. Os seus ladrões, assassinos e meretrizes, não roubam, não matam, não copulam: sofrem. Sofrer, eis o seu mister. Mouca, Luísa, Gebo, Golim - pseudónimos. O nome real, o nome verdadeiro de todos eles é um só: a Dor.

Inevitável. Desde que o meu amigo rasgou as máscaras enganadoras ao Universo, para lhe descobrir a essência e natureza íntima, e desde que a lei do Universo é o domínio do mais feroz e do mais forte, toda a imensa humanidade, tumultuosa e vária, se resume logicamente em dois homens apenas: o algoz e a vítima, o homem que sofre e o homem que faz sofrer. Os bons são os que padecem. A miséria, mesmo sinistra e delinquente, é já um princípio de virtude. Nenhum dos ladrões, nenhuma das prostitutas do seu poema resvalaram ao vício ou ao crime por vontade própria, por fatalidade fisiológica. Obrigou-os a fome, calcou-os a injustiça. A sua infâmia e a sua ignomínia são a avareza ou a luxúria dos homens opulentos e devassos. Todos os ricos, ainda os caridosos, são perversos, e todos os miseráveis, ainda roubando ou esfaqueando, são criaturas boas, porque são vítimas dos primeiros. Os retratos dos benfeitores do seu hospício (pág. 59) parecem-lhe "uma galeria de afogados, todos solenes, ricos e maldosos, hirtos, de lábios finos e ar de cerimónia". E as alfurjas, cadeias e prostíbulos, onde se amontoam, num horror tenebroso, os vícios alucinados e os crimes exorbitantes, afiguram-se-lhe à imaginação misericordiosa como templos de angústias, santuários sagrados de tribulações e de martírios. É um flos sanctorum da miséria, a dor do enxurro canonizada e sublimada.

Mas se a lei da natureza é iníqua e feroz, visto os maus triunfarem e os bons sucumbirem, de onde vem essa lei, quem a gerou, quem a impôs ao Universo? Quer a criasse, com o Universo, uma vontade alheia, quer ela seja imanente ao Universo infinito, é, nos dois casos, uma lei monstruosa, negadora da suprema ideia do espírito do homem, a ideia do bem e da justiça. Contradição inexplicável: A natureza é iniquidade, porque a lei que a rege assegura o domínio e a sobrevivência do mais forte. Mas quem me leva a dizer que a natureza é iníqua? O sentimento do bem e da justiça, desenraizável do meu coração e do meu cérebro. Logo, existe também na natureza, pois que eu sou natureza, a lei do amor e da justiça contraposta à lei da força e da violência. Se Cristo morreu na cruz, a natureza é o mal. Mas, sendo a natureza o mal, como é que dela nasceu o mesmo Cristo, afirmação de todo o bem?

A ideia do bem e da perfeição, levada ao infinito, é a ideia de Deus. Mas como harmonizar o absoluto perfeito com a natureza imperfeita? Como fazer sair a diversidade da identidade, o complexo do simples, o mal do bem, o Universo de Deus?

Chegamos à terceira e última fase do seu espírito: à fase religiosa, à emoção divina.

A natureza, desagregada em movimento, traduziu-se-lhe em dor e resolveu-se-lhe em amor. Movimento infinito, dor infinita, amor infinito, eis os três rostos da natureza no espelho cada vez mais profundo da sua consciência, nos olhos cada vez mais abertos da sua alma. O dinamismo atômico do Universo reduziu-o - pavorosa síntese! - à dor sem fim, à dor universal. Viver é sofrer, e tudo vive, tudo sofre. Vida infinita igual à dor eterna, eis a equação matemática da natureza. Pandiabolismo, satanás-universo. Um círculo infernal, hermeticamente inexorável. Não há pois evasiva? Há. Desse Inferno sobe uma escada de chamas tenebrosas, que vai ao Purgatório, e do Purgatório uma espiral de luz radiante, que nos leva ao Céu. A dor, que se lhe afigurou a essência íntima da vida e sua única expressão, não era, ao cabo, o substrato último da natureza, o fundo irreduzível do Universo. A dor não era irreduzível. A alma, vencendo-a, converteu-a em amor. Não há beleza esplendente que não fosse dor caliginosa. A flor é a dor da raiz, a luz, a dor das estrelas, e a virtude ou o gênio, a dor ascendente do éter luminoso, cristalizando no homem, ao fim de um calvário inenarrável de milhões e milhões de séculos sem conta. A alma de Jesus proclama o triunfo da santidade sobre o crime, como o corpo de Vénus entoia a vitória da linha viva e musical sobre a linha inerte, a linha bruta e desarmônica. Beleza de essência ou beleza de aparência, virtude de Jesus ou formosura de Vénus, têm, ancestralmente, a iniciá-las o mesmo horror e a mesma imperfeição. Do verbo odiar nasceu, evolutivamente, o verbo amar. Se o homem foi tigre, o beijo foi dentada. Toda a alegria pura vem do amor, e todo o amor inclui o sofrimento. A alegria é o sofrimento amoroso, o sofrimento espiritualizado. Deus é, pois, o amor infinito, vencendo infinitamente a infinita dor. E, vencendo a infinita dor, ele é a infinita alegria, a paz absoluta, a glória eterna, a bem-aventurança ilimitada.

Eu creio que, no fundo, adoramos o mesmo Deus. Mas o autor dos Pobres não desvendou, ideologicamente, abstractamente, o segredo da natureza, a explicação religiosa e íntima da vida universal. Não a estudou como filósofo, descarnando-a, dissecando-a, até lhe descobrir as leis inalteráveis e recônditas da sua estrutura evolutiva. Não fez do cérebro um instrumento de visão, agudo e claro, gélido e penetrante, com ele interrogando, dia a dia, no sorvedouro cósmico, o borbulhar infinitiforme da existência. Não mediu a vida a compasso, não a formulou em teoremas ou equações. Viveu-a. O seu livro não é a história dialéctica da razão de um homem, sistematizando e codificando a natureza, Não é a história de um encéfalo, desdobrada em ideias. É a história de um homem, a história plena e formidável de um organismo inteiro - da carne e dos ossos, do sangue e das lágrimas, das mãos que abençoam e que destroem, dos olhos que choram e que fulminam, da boca que reza e que tritura, da alma do lobo, que vem de Satanás, da alma do anjo que se encaminha para Deus. Sim, a história universal de um homem, gemida e rugida, furiosa e cândida, não para que o Mundo lha oiça (então seria hipócrita) mas para que Deus lha escute, na eternidade e no

silêncio. É a confissão clamorosa, satânica ou celeste, das energias infinitas, evolutivamente amalgamadas no mistério pálido de um homem. O abismo insondável, retraindo-se, cristalizou num ponto; e esse ponto, adquirindo voz, confessou o abismo, revelou o insondável. Almas inúmeras se agrupam na alma sintética e central. Há em cada alma infinitades de almas. E umas tão horríveis e loucas, que as escondemos para que as não vejam, e outras tão inconscientes e profundas, que, habitando conosco, as não chegamos sequer a conhecer. O poeta dos Pobres conheceu-as e confessou-as todas. Desde a mais clara à mais crepuscular e tenebrosa, irradiou-as todas plenamente, no estado nascente, ingênuas e vivas, sem ocultar uma única.

O seu Deus não é o último termo de uma cadeia lógica de silogismos. Não o descobre pela razão, atinge-o pela emoção. O meu amigo não raciocina, isoladamente, com o encéfalo. Raciocina de chofre e com todo o corpo. As ideias brotam-lhe espontâneas, como o sangue da facada ou a flor da haste. Palpitam de vida, mas vida viva - no estado genésico. Não falam, não discursam, não discorrem. Gritam, uivam, ululam, gemem, rezam, blasfemam. Ciclones de ais, de orações, de imprecações, de fúrias, de lamentos. O meu amigo pensa, forma juízos, como as electricidades formam raios.

O seu Deus é a expressão da sua emotividade. Ou, bem no fundo, da sua moralidade. Só crê em Deus, só descobre Deus, quando em si, pela virtude, momentaneamente o realiza ou tenta realizar. Se a bondade e a paz lhe existem no coração, a natureza resolve-se-lhe em Deus, em amor supremo. Mas, daí a instantes, o egoísmo invade-o, e não é já em Deus, é na química que a explicação do Mundo lhe aparece. Qual a fonte do ser, a razão da vida? É o acaso, é o apetite, é o amor, é Deus ou Satanás, conforme as horas ou os dias, conforme o equilíbrio instável da sua carne e do seu espírito. Logo de começo, a páginas 29 e 30, define Deus abrasadoramente numa língua de chamas, num paroxismo de dor e de misericórdia, num êxtase candente e lagrimoso, tão fêrvido e tão lúcido, que arrebatava e deslumbra. Fulgiu-lhe súbito, no âmago da alma, a verdade da vida. A vida é um calvário. Sobe-se ao amor pela dor, à redenção pelo sofrimento. Cristo é um redentor humano, Deus o redentor universal. É o ser infinito, porque é o amor ilimitado. E a natureza tenebrosa, vista de Deus, divinizou-se por encanto. Guerras, lutas, crimes, catástrofes, desordens, evaporam-se e fundem-se em harmonia mágica e perfeita.

Mas logo adiante, a páginas 42, a natureza, divinizada, reverte e regressa à sua forma demoníaca, de matéria bruta.

"Ser só, sem amigos, sem apertos de mão, sem conhecidos, ser só e livre, que sonho!"

Do altruísmo absoluto, do absoluto amor, que é Deus, retrogradou ao individualismo anarquista, ao egoísmo feroz, que é Satanás. Do pólo positivo saltou ao pólo negativo. Entre os dois pólos, entre o bem e o mal, entre Deus e o Diabo, vai oscilar e flutuar a sua alma, ora aproximando-se de um, ora aproximando-se do outro, ora imobilizando-se quase, pelo hausto indutivo das duas correntes antagónicas.

Tal um Cristo, penosa e religiosamente escalando o calvário, e que, a meio da encosta, varado de dor, esvaído o ânimo e evolada a fé, arrojasse a cruz dos ombros, exclamando num ímpeto: "Basta! Se o caminho do Céu é um caminho abrupto, uma inferneira íngreme, desisto do Céu e volto para trás, para o concheiro do meu lar, para a ternura de minha mãe, para o afecto dos meus parentes e meus irmãos. Antes risonho e feliz, junto do meu pai humano, que é carpinteiro, a aplainarmos cruces, do que, morto e crucificado, na glória infinita do meu divino Pai celestial!"

E assim blasfemando, retrocederia na encosta do sofrimento e da amargura, para, já lá no fundo, voltar a subi-la novamente, a cruz nos ombros, com maior fé e maior ânsia.

O seu poema é a história da escalada trágica do seu calvário. Mil vezes o meu amigo tomou nos ombros a cruz da dor e da paixão, e outras tantas a deixou cair, exausto, com ais de desânimo, ou a sacudi exasperado, cuspidando invectivas no lenho duro do resgate. Mas por fim, sangrando e chorando, galgou a montanha do erro e do sofrimento. Chegou a Deus, e em Deus ficaram imóveis e serenos os olhos tristes da sua alma. Polarizou-se em Deus, de vez e de vontade. Livre, enfim! Libertou-se.

Não volte à servidão, à escravatura negra e demoníaca. Mantendo-se liberto, a obra de hoje, patética mas angustiada e desigual, a obras futuras, vastas, claras e radiantes, servirá de entrada e de prefácio. A arte vale mais ou menos, segundo a porção de amor que abrange e que revela. A arte soberana é a que conjuga a natureza toda - homens e monstros, águas e árvores, pedras e nuvens, sóis e nebulosas, com o verbo infinito e perfeito, o único verbo criador, que é o verbo amar. O universo atómico, partículas inúmeras e vagabundas, fraterniza em Deus, unifica-se em Deus.

Rezar o Universo é polarizá-lo no infinito amor. Cantar não basta. Rezar é mais. Rezar é o superlativo divino de cantar. A oração é a canção angelizada, a canção chorada e de mãos postas. O Universo absorve-a, compreende-a. Ouve-a Deus, os homens escutam-na, e as ondas, as águas e os rochedos, vagamente a percebem, como um hálito amigo, uma carícia branda e luminosa. Reze todas as dores, pobreza, misérias, lutos, sofrimentos. Reze o lodo e o sangue, o ninho, o covil, o hospital, o cárcere, a enxovia, a terra trágica, ulcerada de mortes, e a noite côncava e fúnebre, ulcerada de sóis e de nebulosas. Reze a dor, mas reze também a alegria, que é dor vencida e desbaratada pelo amor. Reze o triunfo do amor, a alegria ascendente da natureza, a marcha épica da vida pelo caminho eterno, que não tem fim. Reze chorando, mas lágrimas fecundas que façam parir a Terra, palpitar o seio e germinar a semente. Lágrimas de aurora, orvalho vivo e criador. Rezar e chorar, mas heroicamente, na acção e na luta, no Mundo e para o Mundo. Rezar como Nuno Álvares, entre o fogo ardente da batalha. Enganam-se os que vão para Deus, voltando as costas à natureza. Quem se quiser salvar, há-de salvar os outros. Quem renegar a natureza, renega Deus. A ascese egoísta é anticristã. O quietismo beato, apagando o Universo, apaga Deus. Quietismo e niilismo - dois zeros, dois sinónimos. O frade tenebroso, na concha da mão exangue e paralítica, sustenta uma caveira. É o nada olhando o não ser. O monge radiante (S.

Francisco) na dextra poderosa, em vez de caveira, tem um globo de oiro constelado, onde se ergue uma cruz. Tem o Universo e Deus. (2)

Seja ele o tipo a que se encaminhe, embora de longe, a nossa fé e a nossa arte. Rezemos, vivificando e sublimando. Arte criadora, que seja pão e seja luz.

Se nos acusarem de hipócritas, deixá-los acusar; mentem. E a mentira só aos mentirosos prejudica. Se nos amesquinham a fama e cercearem a glória, desviando de nós as multidões, que não pensam e vão para onde as levam, melhor. Os que nos querem, os que nos amam, os que nos entendem, ficarão connosco. Os outros, deixando-nos, prestam-nos favor. Lesam-nos somente na vaidade, que é vicio ruim, grama que custa a deitar fora. Portanto, melhor. E se nos insultarem e injuriarem, melhor. E se nos perseguirem, melhor. E se nos apedrejarem e ensanguentarem, melhor ainda, muito melhor. Quando a alma, ao termo de mil hesitações e desenganos, cravou as raízes para sempre num ideal de amor e de verdade, podem calcá-la e torturá-la, podem-na ferir e ensanguentar, que quanto mais a calcam, mais ela penetra no ideal que busca, mais ela se entranha no seio ardente que deseja. (3)

1902-3.

SOUSA MARTINS

Uma turba desordenada, atravessando uma ponte, não a faz oscilar. E, ao ritmo leve dos pés de uma criança, a inflexível arquitetura de metais oscila e ondeia, conjugadamente, em balanço harmónico. É o milagre do amor, na ordem bruta da natureza. Na ordem espiritual, o milagre é idêntico.

Certas criaturas, com um gesto, uma voz, um olhar, determinam correntes, abalos magnéticos de simpatia ou de heroísmo. Em Sousa Martins houve esse dom de taumaturgo. O dom de levar aos corações o ritmo ardente e juvenil do seu coração prodigioso.

Sousa Martins foi grande, porque foi bom. Radiou amor, encanto, esperança, alegria, generosidade. Viveu a vida efusivamente, magnificamente, com todas as seivas do seu corpo e todas as labaredas do seu espírito. Deu-a, como o Sol dá luz, aos miseráveis, aos tristes, aos revoltados, aos sonhadores. Foi o amigo, carinhoso e cândido, dos pobres e dos poetas. A sua mão guiou, a sua boca perdoou, os seus olhos choraram. Teve sorrisos para a graça, enlevos para a arte, lágrimas para a dor.

Que é da sua obra? A obra dos homens é a porção de Deus que derramaram.

Tanto faz esculpi-la em bronze, como atirá-la, às mãos-cheias, por calabouços ou calvários. Um ai de mendigo pode valer todas as sinfonias de Beethoven.

Não resplandecem mais os poemas de Dante do que as úlceras de Job.

Viver é conviver. Viver é amar. E Sousa Martins, pelo infinito amor, chegou, em certas horas, à vida eterna. Eis a sua obra.

1904.

JUSTINO DE MONTALVÃO

APONTAMENTOS PARA UM RETRATO

Um cristão helénico, um filho de Apoio, baptizado. A alma cristã resume-se em caridade, em bondade, em simpatia pela dor. Quem fraterniza com a dor, comunga no grémio de Jesus. E, pois, essencialmente cristão o belo, o admirável poeta dos Destinos. As lágrimas enternecem-no, as desventuras comovem-no. Abomina o orgulho, a arrogância, a crueldade, a dureza, a hipocrisia. Ama os humildes e os cândidos, os deserdados e as vítimas.

Mas o cristão perfeito, olhando a Terra, vê nela um bloco de misérias, de onde nasce uma cruz. E desposa a dor imensa da natureza, desposa os braços duros do sacrifício. E, gemendo e morrendo na cruz, entra na vida verdadeira, na vida infinita, na absoluta paz, que é o absoluto Amor. Entra em Deus, e em Deus descansa para sempre. A dor é a escada de fogo que nos conduz à vida eterna.

Justino de Montalvão detém-se a meia encosta do calvário. A tragédia divina e formidável abala-lhe a alma, inunda-o de lágrimas, mas não a aguenta, desvaira-o de pânico e terror. Foge. Para onde? Para aquele outeiro verdejante, onde as aves trinam e as águas murmuram e onde, à sombra dos arvoredos frondosos, polvilhados de oiro, entoam o hino do amor e da existência as corolas dos lírios, as bocas das ninfas e as cítaras edénicas dos deuses.

O poeta cristão paganizou-se. Vénus fez-lhe esquecer Maria, Apolo divorciou-se de Jesus. Tremeu da morte, horrorizou-se da caveira. Preguemos a vida na cruz voluptuosa dos abraços, haurindo, em vez de fel, o néctar dos beijos e das ânforas. A vida não é apenas um vale de lágrimas, é também um vale de rosas e de frutos. Embriaguemo-nos de amor, cravando nos pomos áureos os dentes jucundos e gulosos. O céu fica distante e os caminhos são ásperos, eriçados de cardos e de rochas. Vivamos, no esplendor da hora breve, a eternidade muda e tenebrosa. A Terra é a certeza clara do infinito obscuro, a realidade divina e palpitante. E o arquipélago de fogo no oceano vago do mistério. Mistério calado, noite religiosa, sonho insondável. Mergulhemos em Deus, amando a Terra, adoremos Deus, exaltando a vida. Olhemos a vida como beleza real, transfigurando-a e sublimando-a em beleza ideal e criadora. A Arte é o culto mágico de Deus. A revelação é Poesia, a teologia é Estética.

O santo cadavérico, fantasma fúnebre, amputando o desejo, ignora Deus. O Precursor de Vinci, eis o santo imortal, o S. João heróico da Beleza. De um fundo negro de mistério, impalpável e vago, brota o divino arcanjo adolescente, cabeleira em anéis, rosto de enigma, olhos de encanto, a dextra audaz erecta aos abismos do Eterno e sorrindo..., sorrindo à natureza em flor, à criação fecunda, ao orbe esplêndido, com a manhã da graça e do desejo na boca ovante e virginal.

No céu de Vinci, indeterminação hermética e nebulosa, não há alegorias nem evidências. Noite e mistério, dúvida e sombra. O arcanjo aponta-o, quase ironicamente, sem temor. Habita-o Deus? Talvez. Mas Deus invisível, indefinível, Deus Ignoto. E o radioso arcanjo, ébrio de força e de harmonia, volta-se para o Mundo, para a divindade nupcial da terra clara e criadora. Os seus olhos, de sonho e de certeza, o seu riso, de graça e de vitória, proclamam a divindade terrestre, o milagre da luz, da flor, do beijo, da canção. O Universo é ritmo, a natureza é música. A Vida é divina porque é bela.

Desta religião do Amor, da Vida e da Beleza é o poeta dos Destinos um missionário ardente e vagabundo.

Na alma da maioria dos homens grunhe ainda, baixo e voraz, o focinho do porco. O Mundo é uma sala de jantar e um quarto de cama. Diante do milagre das coisas, diante da flor, do fruto ou da árvore, perguntam apenas: quanto rende? Atravessam a vida, buscando oiro. Outros buscam a fé. Outros, ciência. Justino de Montalvão nem oiro, nem fé, nem ciência. Busca harmonia, busca Beleza.

Da luz, do som, da cor, das águas, das montanhas, das aldeias obscuras ou das cidades fabulosas, dos templos, dos teatros, dos museus, dos circos, das arenas, da pompa de todas as magnificências, dos gritos de todas as tragédias, das lágrimas e do sangue de todas as misérias, da história ou da anedota, de uma religião ou de uma alcova, de um lupanar ou de um sacrário, ele arranca espontaneamente, avidamente, a forma sinfônica da Beleza, pela magia única da Arte.

Os seus cinco sentidos apreendem a vida, em ritmos de orquestra e de Beleza. E pintor, escultor, arquitecto e músico. Fundem-se na sua prosa todos os círculos da arte, todos os modos de harmonia. A sua língua é uma criação contínua do desejo estético. Não busca palavras inertes em dicionários, museus de sílabas. Genesiam-se, evoluem-se da natureza, da intimidade murmura das coisas. Tem sangue, tem vida, tem asas. Frescas e novas, como tudo o que desponta, rubor de manhã, gomo de verdura, carne de criança. Nas suas paisagens panteístas, que vida entrelaçada, que vida fluida, que vida cósmica! Árvores e rochas, água e ar, linhas e sons, lampejos e penumbras, cânticos, frémitos, germinações, silêncios mortos, conjugam-se e casam-se, embebem-se e embalam-se, em vozes de órgão religiosas, de uma profundidade extática, sem fim... Oh, o belo, o radiante, o maravilhoso artista!

E este homem, que não é um erudito, olhando o quadro, a estátua, o monumento, adivinha-os, percebe-os num relâmpago. Lê-lhes a alma. E que a arte, criada na emoção, a emoção a penetra. A ideia, rígida e nua, nem faz a arte nem a entende. A crítica da arte é emoção viva de beleza. Na arte, sentir é conhecer. Sentir é compreender com todo o corpo.

Não se ajusta, por inteiro, o meu ideal de beleza ao do cantor da Vida Errante. Na frente do meu Apolo há um diadema de espinhos, no coração da minha musa há sete espadas a sangrar. Vénus é onda. Maria é estrela. A Voluptuosa é mãe dos homens, a Dolorosa é mãe dos anjos. Ambas deusas, mas uma, carne, a outra, espírito. (4)

Eu vejo o céu tão claro como o cristal ou como a nuvem. Sinto Deus, absorvo Deus, aspiro Deus. O Mundo sem Deus converte-se-me em fruto oco, e as imensidades estreladas, em arquipélagos de zeros. Mundos sem fim, zeros sem conta. A infinita grandeza pede a unidade, reclama Deus. Os orbis são divinos, porque nascem de Deus e voltam para Deus. São martírios eternos, eternamente escalando os seus calvários. E só pela infinita dor chegam a Deus -infinito Bem, infinita Paz, infinito Amor.

Mas na minha igreja e no meu templo todo o Universo está rezando. Reza a luz, o ar, a pedra, a água, o lábio, a flor. A natureza é um credo ascendente, uma oração a Deus evolutiva. Murmúrio bruto na montanha, sílaba na rosa, cântico em Apoio, idealidade - espírito em Jesus. A oração de Jesus é a mais alta, porque é o hino do Amor cantado pela Dor, o beijo infinito, húmido de sangue, escorrendo lágrimas.

O arcanjo de Leonardo aborrece a dor, ignora o pranto. Exalta a vida musical, a vida heróica, a vida olímpica. Exalta a Beleza, cheia de graça, plena de seiva e juventude. A tristeza amesquinha, o sofrimento deforma. Chorar é pecar. Os gólgotas são úlceras ardendo, corroem a face augusta da natureza, envenenam o Mundo.

O S. João de Leonardo, arauto de Pã, enviado do Olimpo, é o Homem-Deus da renascença. Acolho-o na minha igreja, mas como santo menor, como teólogo imperfeito. Ponho-o à entrada, em lugar subalterno, para começo de culto e devoção.

São outros os meus profetas, os evangelistas do Senhor. É Mantegna, é Angélico, é Memling, é Puvis... A santa Geneveva de Puvis, eis a flor do Espírito mais cândida, que mãos humanas têm criado. Dos pés ao olhar é toda virgem, é toda ela uma oração. Reza com todo o corpo, é toda alma. Unge a natureza, a vida que dorme, a dor que descansa. Abençoa e perdoa, exala Deus. Oh santa divina, tu és para mim o milagre da Arte, a encarnação suprema da Beleza.

1908.

NO CENTENÁRIO DE ALEXANDRE HERCULANO

Viver é amar, e amar é padecer. Deus é o infinito amor, infinitamente vencendo a infinita dor. Todos os grandes homens, sábios, santos, heróis, filósofos ou artistas, são expressões sagradas, religiosas. A mais alta é o santo, porque na suprema bondade está incluída a verdade suprema e a suprema beleza. Mas quer o sábio, quer o poeta, immortalizam-se como o santo, vivendo a vida instantânea - da hora e do lugar, com alma de eternidade e de infinito. Não mexendo num grão de areia sem abalar o Mundo, não arrancando uma folha de árvore, sem que o Universo lhe venha preso.

É dessa família augusta o vulto nobre de Herculano. Encarnou esplendidamente a sua existência individual na existência da Pátria, a ideia da Pátria na ideia humana, e esta na ideia cósmica e divina. A máscara robusta e grave do historiador emerge de uma penumbra ascética, de um fundo de luz e de mistério. As linhas duras idealizam-se, tocadas de sonho transcendente. Descobre-se o monge, o cavador, o soldado, o sábio, o profeta. Sente-se a visão magnífica do homem heróico e religioso. Osculemos todos a sua memória, para exaltar o nosso espírito e purificar os nossos lábios.

1910.

JOÃO DE DEUS

BIOGRAFIA ESPIRITUAL

A arte, quando grande, é religiosa e panteísta. Sente infinito, exprime infinito, sugere infinito. Universaliza indivíduos, evapora números, eterniza momentos. Chega à unidade, toca na essência. Eucaristia sublime, mistério esplêndido, inefável! Deus a cantar no som, a brilhar na cor, a desenhar-se nas formas! Sim! a arte é Divindade, encarnando em música.

João de Deus imortalizou-se, porque nas horas puras e sagradas viveu a vida infinitamente e divinamente, traduzindo-a em cânticos celestes, em melodias mágicas de luz.

Diante dele, o Universo maravilhoso, criado por Deus, move-se em Deus, mas a expressão suprema do Divino radia na beleza deslumbradora e fecundante, na graça da amante, na mulher. O centro do mundo de Deus é o beijo de amor, divinizado. Mas, no Campo de Flores, a mulher não se chama Laura, Beatriz, ou Natércia. Não é a paixão singular e soberana, o amor único à mulher única, rasgando com um sulco de fogo, da mocidade à morte, a vida inteira.

Em João de Deus há um árabe voluptuoso, pela carne, e um cristão sem mancha pelo espírito. Toda a mulher formosa lhe leva beijos e canções.

Mas a poligamia da volúpia, continuamente idealizada e sublimada, unifica-se e resolve-se, ao cabo, numa só imagem espiritual.

A mística amorosa de João de Deus tem graus ascendentes de elevação e perfeição.

Primeiro grau: Vê a mulher, é bela, deseja-a. Deseja-a com lascívia, mas sem brutalidade, sem violência. Um galanteio espontâneo e perpétuo, um madrigal contínuo, gracioso e mimoso, florido e ridente. Coisas lindas, mas tudo medíocre, passageiro. Arte efémera. Anedotas.

Segundo grau: O desejo voluptuoso purifica-se, espiritualiza-se, idealiza-se, e o frémido biológico termina em êxtase, no Céu. A canção evola-se em oração, e a alma liberta, na asa do amor, ergue-se a Deus, perde-se em Deus.

Terceiro grau: A mulher ideal, cada vez mais bela, mais radiante e mais pura, santifica-se. Ainda corpórea, o desejo sonha-a... sonha-a, de leve.., mas não lhe toca. Quem há-de ousar?!... Jamais! Inviolável! E flor sagrada, lírio do Éden! Mulher estrela, mulher anjo! Cantá-la como? Adorando-a. Possuí-la quando? Na eternidade, em Deus, na Glória, vencendo a dor, vencendo a morte. O beijo de núpcias é o beijo infinito, o beijo de duas almas para sempre!

Quarto grau: A mulher alma desincorpora-se, diviniza-se, deifica-se. É graça, piedade, dor, amor, misericórdia, a Virgem das virgens, a Mãe de Cristo, a Mãe de Deus! É Deus em mulher, é Deus no feminino.

Quinto e último grau: O poeta religioso, liberto do Mundo, uniu-se a Deus. União verdadeira, fusão suprema? Não. Só chegam a Deus os que levam no coração, como um filho gemendo, o Universo inteiro. Os que transportam no seu amor, banhando-a de lágrimas, a dor infinita da natureza. Na obra do poeta há ainda um vazio, uma lacuna. Falta-lhe o berço. E então o santo inclina-se para a natureza, ergue nos braços a humanidade, agasalha no peito a infância humana, e cantando e chorando e rezando, lá vai com ela para Deus. E, quando o amor eterno vencer a dor eterna, existirá em Deus eternamente. Bendito seja.

1910.

OS GRANDES HOMENS

O HERÓI - O ARTISTA - O FILÓSOFO

Os grandes homens sobre-humanizam o homem, exaltam a existência, criam espírito, desvendam mistério, tocam no âmago do Ser. Augustos e luminosos, caminham à frente da evolução, na marcha do Mundo para Deus. Quem é Deus? Ideal perfeito realizado, vida infinita, infinito amor. Os grandes homens avançam para Deus, não isolando-se e afastando os olhos das misérias da Terra, mas levando piedosamente no coração todos os gemidos da humanidade e todas as angústias da natureza. Os seus passos de luz, sulcando a noite, conduzem como um rebanho, na viagem eterna, a caravana infinda. Os grandes homens são descobridores e redentores. Quando sobem, ajudam, progridem, dando a mão, libertam-se, libertando.

Eu chamo grandes homens aos grandes heróis, aos grandes artistas, aos grandes filósofos.

O sacrifício ao Bem, na acção e pela acção, eis a norma do herói. Sacrifício da alma, recolhendo com ardor contínuo as dores alheias, e sacrifício do corpo, imolando-lhes, para as consolar, a própria vida. Os soluços sem termo da miséria do Mundo ecoam-lhe no coração como ais de filhos. Dá a vida pela vida dos outros, mas a morte da carne em holocausto ao Bem acresce-lhe a vida verdadeira, aumenta-lhe a vida espiritual. O grau de amor é o grau de heroísmo. O herói máximo é o santo, e S. Francisco de Assis é o super-homem.

O grande artista não iguala o santo, mas aproxima-se dele. O artista, criando beleza, cria a mor, porque a beleza é a expressão rítmica do Bem, é o amor a cantar, na forma e no som, no verbo e na luz. A arte idealiza; portanto gera amor. O herói também. Mas o herói dá-nos o amor em acções, converte-o em pão espiritual, que vai dividindo pela Terra. O artista faz dele um diamante quimérico de luz e de som, que é amor a vibrar, amor em sinfonia, amor no estado de beleza. Mas, se o Universo é amor infinito, a arte suprema, que o abrange, é a arte cósmica e religiosa. E então a arte ideal define-se deste modo: a natureza traduzida em cântico, Deus, que se ouve e que se vê, revelado em música.

A filosofia é a sociologia do Universo, a história ordenada dos encadeamentos da existência, da evolução do amor. E, como a vida da natureza só chega à síntese na ideia de Deus, é claro que o santo ou o grande poeta conhecem melhor a vida do que o filósofo, pois que eles mesmos são a vida espontânea e criadora, na escala mais alta e no estado nascente.

A vida vertiginosa, tumultuosa, entrelaçada, contínua, patética, infinitiforme, a vida latejante de seiva, incubada de sonho, fulva de luz, cega de espantos, ébria de beijos, trémula de morte e grávida de amor, a vida eterna, divina e formidável, que nasce da vontade e da emoção, aparece na obra do filósofo descrita por cálculos, ordenada por

argumentos e por ideias. A virtude do santo sublima-a no êxtase e na bênção, e a inspiração do poeta magnifica-a na música e no símbolo. Um reza, outro canta.

O filósofo observa e medita. É um espelho que pensa. E a filosofia integral, como a arte suprema, será também religiosa, porque só em Deus, Infinito Amor, a vida encontra a sua unidade e a clara explicação do seu mistério. Todas as grandes almas, bússolas radiantes, se polarizam em Deus.

1913.

A FESTA DE CAMÕES

DISCURSO PRONUNCIADO A 10 DE JUNHO EM ZURIQUE, NUM BANQUETE DA COLÓNIA PORTUGUESA

O nome sagrado de Camões junta-nos hoje aqui, em fraterno convívio, durante algumas horas. Camões é Portugal, e, a festa de Camões, o dia santo da nação. Celebremos o herói religiosamente, vivendo este dia na sua alma, comungando no pão do seu espírito. Adorem-lo para nos sublimar, para que nos atraia e venha a nós. As línguas de fogo só descem quando se desejam, e os santos só nos ouvem quando estamos próximos.

Camões é o génio lusitano, a idealidade da raça num herói. Pertence ao grupo dos imortais, dos que viveram no Mundo o breve instante, com olhos de eternidade e de infinito.

A vida resolve-se em dor e amor, e ele amou e sofreu como poucos homens. Amou a justiça, amou a virtude, amou a beleza. Amou a Pátria na humanidade, a humanidade no Universo, e o Universo em Deus. E desse imenso amor fez colheita de luto e colheita de dor. Semeou beijos e nasceram-lhe víboras. Pôs na frente da Pátria um diadema de estrelas, e recebeu em galardão uma coroa de cardos. A inveja, o rancor, a estupidez, a mentira, a hipocrisia, a ferocidade - bando de lobos e de hienas, vão atrás dele continuamente. Não o deixam, rasgam-no, dilaceram-no. Toda a sua existência de herói e de mártir é a escalada abrupta de um calvário. O sangue do coração evaporou-se-lhe em génio e verteu-se-lhe em lágrimas. Foi Apoio na cruz, aedo e Messias, bardo e Redentor. Cantou como um épico, lidou como um herói e acabou como um santo.

Nessa imperial, grandiosa e maravilhosa Lisboa do século XVI, ovante de fortalezas, catedrais, estaleiros, praças, palácios, cúpulas, bazares; nessa Lisboa rútila e quimérica, de gentes estranhas e desvairadas, nadando em oiro, fulva de pompas, louca de vícios, ébria de orgulho e de prazer; nessa Lisboa babilónica, vasto empório do Mundo, rainha esplêndida dos mares, onde frotas de galeões bolsavam tesouros fabulosos de países de sonho e de mistério; nessa Lisboa, Capital da Luz; nessa Jerusalém das Descobertas, agonizou abandonado e atribulado, mendigo e mártir, sem pão e sem lar, o maior e o mais sublime dos seus filhos, o gigante da raça, o cantor dos Lusíadas. Viveu pela Pátria, cobriu-a de glória, e nela morreu obscuramente, de solidão, de fome e de tristeza.

E ao mesmo tempo que Luís de Camões, divinizando-se na dor, chegava à imortalidade espiritual, a alma da Pátria, degradando-se, envenenada de oiro e de vileza, caía escrava e semimorta. A alma enoitecera-lhe em letargo, mas brilhava e cantava imorredoura na voz ardente dos Lusíadas. É a voz messiânica do épico, é a voz de fogo de Camões quem de novo a desperta e desagrilhoa do cativo, e quem durante os séculos pesados de uma noite de horror, a guia na torva escuridão, a fortalece nos desalentos e desmaios, erguendo-a por vezes, indómita e nobre, magnânima e justa, como nos tempos belos da epopeia. A alma sonâmbula do Povo caminha de noite,

lastimosa e chorando, atrás da alma do Vidente. Nas datas grandes, nos dias heróicos - 1640, 1807, 1820, 1834 - o culto de Camões inflama-se, Camões revive e está presente. O centenário, há trinta anos, acordou a nação, encheu-a de fé, abrasou-a de amor, e a alma do povo e a do Poeta fundiram-se avidamente uma na outra, como dois beijos e dois relâmpagos. E na aleluia sagrada da vitória, no êxtase da imortal manhã de 5 de Outubro, sentia-se, rezando e palpitando, aberta em flor de luz, a alma divina de Camões.

Libertámo-nos. Banimos para sempre os fracos reis que fazem fraca a forte gente, os déspotas e os tiranos,

cuja vontade

Manda mais que a justiça e que a verdade.

Foram-se os abutres e emigraram os corvos. Partimos algemas, expulsamos verdugos, destruimos cárceres. Não basta. À volta de nós, mortas no chão, as ruínas escuras do passado embargam-nos o trânsito. É necessário erguer, ordenar, edificar. Dêmos corpo concreto e realidade ao que ontem foi sonho e aspiração. Criemos juntos, no trabalho comum, a Pátria Nova. Invocamos Camões para a libertar, modelemo-la então à sua imagem. Façamo-la heróica, augusta e grande como a epopeia. Façamo-la nobre como a ode, límpida e ligeira como a canção, ridente e viçosa como a égloga, pura e cristã como a elegia. Sejam os alegres marinheiros e de robustos lavradores, vivendo piedosamente vida simples, irmanando as ideias, nivelando as fortunas, cuidando os criminosos como enfermos, amparando os inválidos como crianças, marchando no globo, em êxtase, para a harmonia eterna, para Deus. Criemos uma Pátria ideal, vestida de verdade, armada de direito, fulgente de sonho e de beleza. Que as searas germinem, que os beijos esplendam, e as almas se casem, à luz fecunda dos seus olhos. Uma Pátria materna e carinhosa, que ensine os ignorantes, ajude os que trabalham, ameigue os que sofrem, bendiga os heróis, e deixe entrar no coração, candidamente, a voz alada e luminosa dos passarinhos e dos poetas.

Mas essa Pátria, além de boa e jucunda, eu quero-a estável e armada de força, além de armada de direito. Quero-a forte para que a respeitem, e siga livre, ovante com denodo, no caminho do bem e do trabalho. A espingarda defenderá a charrua e, a boca negra do canhão, o peito alvo da Justiça. Quando a arma que mata defende a liberdade, os santos choram mas não acusam. Porque então a arma de morte criou amor e gerou vida.

À volta de nós, sofregamente, as cobiças espreitam. Dêmos à Pátria o máximo de resistência, dando-lhe o máximo de unidade. Unamo-nos todos, e ficará incólume. Separam-nos ideias e doutrinas? Embora. Cruzemos as linhas divergentes neste ponto comum - o amor da Pátria. Façamos variedades harmónicas dos antagonismos

destruidores. As ideias e crenças mais opostas, vivendo-as no fundo do coração com o mesmo espírito de amor, convertem-se em raios de uma estrela, que, discrepando na circunferência, se casam no centro e se amalgamam. Santifiquemos hoje o dia de Camões, que é o dia heróico de Portugal, casando também no amor da Pátria, religiosamente, as nossas vontades, os nossos ideais, as nossas almas. Em nome de Camões, fraternizemos e trabalhemos.

Os pobres da minha terra, que, debaixo de neve ou luz ardente, abrem com o arado e com a enxada os sulcos das vinhas e dos trigais, apenas o Sol de Deus chega ao zénite e vai em meio o dia de dor e de canseira, param no trabalho, erguem-se e descobrem-se, e numa atitude imóvel de oração, fazendo religiosamente o sinal da cruz, entoam com voz profunda estas palavras:

Louvado seja sempre nosso Senhor Jesus Cristo!

Pois bem. Eu desejo que todos os Portugueses, no dia Santo da Pátria, imitando os jornaleiros da minha aldeia, se ergam também em pé, de frente nua, e digam com igual devoção, do mesmo modo: Louvado seja sempre o nome eterno de Camões!

Viva Portugal!

1912.

BRASIL-PORTUGAL

DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO DEDICADA A OLAVO BILAC

Da essência ideal que imortalizou as nossas descobertas, e fez, por um instante, na história do globo, de um punhado de marinheiros e de cavadores a maior Pátria do Mundo, a eleita do Eterno, a encarnação heróica do Divino, três monumentos de beleza augusta nos ficaram: um retábulo, um templo, uma epopeia. Três Lusíadas: os de Nuno Gonçalves, os de Camões, os de Santa Maria de Belém. Criámos Ésquilo e Prometeu, o redentor e o cantor, o herói ovante, que liberta, e o génio irmão, que o traduz em música. A música da luz, a do mármore, a da palavra.

E ao mesmo tempo que gerávamos as duas grandes epopeias equivalentes, uma na acção, outra no cântico, reproduzíamos a Pátria maravilhosa que lhes deu alma, criando um novo Portugal, o do futuro, debaixo do novo céu, no mundo novo.

O Brasil é a eucaristia sagrada dos Lusíadas.

Fizemo-lo à nossa imagem e semelhança, com torrentes de vida - o nosso sangue, com um hino de aurora - a nossa fé, com estrelas de dor - as nossas lágrimas.

Fizemo-lo com beijos e canções, lavrando, batalhando e rezando, de armas na mão e de mãos postas. Viver é conviver. Viver é amar. O grau de amor é o grau de vida, e a vida infinita chama-se Deus - infinito amor.

Mas, não vai para Deus quem traz unicamente nos lábios a sílaba suprema. A invocação não basta. Quem o não realiza não o adora. Há homens bons que se julgam ateus e são deístas rancorosos, que são ateus e o não conhecem. Luísa Michel foi deísta e Torquemada foi ateu. Os homens e as pátrias valem, pois, mais ou menos, conforme o seu grau de religião, quer dizer, o grau de fraternidade, o grau de amor.

A Pátria mais perfeita será a mais local, pelo amor à gleba, e a mais universal, pelo amor ao Mundo.

O meu amor à Pátria começa nas amizades do meu corpo ao ar que respiro, à água que bebo, ao pão que me alimenta, ao fruto que desejo, à flor que me embalsama, à luz que me deslumbra. Depois, vem o amor à minha casa, desde os avós aos netos, dos berços aos sepulcros. Depois, o amor a minha aldeia - choupanas e cavadores, a igreja de Deus ao centro e o cemitério ao lado. Depois, o amor à província, à região, à Pátria toda - aos mortos, aos vivos e aos vindouros.

Mas, a chama do meu amor espiritual beijará com mais devoção os que mais enobreceram a Pátria, isto é, os que mais honraram a humanidade.

Portugal é uma Pátria esplêndida, porque é a mãe divina do Condestável, a mãe do Infante descobridor e do Infante mártir, de Nuno Gonçalves e de Fernão Lopes, de

Bartolomeu Dias e de D. João II, de Gama e de Camões, de S. Francisco Xavier e de Álvares Cabral, de D. João de Castro e de Albuquerque, de Fernão de Magalhães e de Gil Vicente, de Soror Mariana e de Bernardim Ribeiro, de Miguel de Almada e de Pombal, de Fernandes Tomás e de Mouzinho, de Herculano e de Sá Nogueira, de Passos Manuel e de Garrett, de Camilo e de Antero, de José Falcão e João de Deus.

E, acima de tudo, ela é a mãe do povo português, do povo de Aljubarrota, das Descobertas, de Montes Claros, do Buçaco, da Terceira, da Rotunda, criador imortal de heróis anónimos, e de santos plebeus e pobrezinhos que guardam ovelhas, semeiam serras, dormem nos eirados e falam com os anjos; do povo cândido e cristão, amoroso, meigo, melancólico, impregnado de Deus e de natureza, tão abismado em sonhos e saudades, que, deixando gemer a alma numa frauta, é o maior lírico do Mundo, o maior poeta de Portugal.

Eis o povo que fez nas terras de Santa Cruz a Pátria irmã.

O Brasil não chegou a ser uma colónia. Foi logo nação, foi logo Pátria: a nova Pátria portuguesa, com novos heróis e descobridores, com novos santos e novos Orfeus, novas enxadas e novas liras.

O Brasil em 1645 ergue-se grande como Portugal em 1640, e a mesma fé que nos conduz à revolução, em 20, o arrasta à independência, em 1822. Abrasou-nos o mesmo ideal, ardemos na mesma chama. Fernandes Tomás e José Bonifácio, em vez de inimigos, eram irmãos. As nossas pátrias desligaram-se, para melhor se casarem. Desuniram os corpos, para estreitarem as almas. Duplicando-se, quiseram-se mais. O amor cresceu em beleza porque aumentou em liberdade. Vivendo tão livres e distantes, fraternizamos hoje como nunca. Na glória e no sonho, nos ais e nos beijos, no riso e na dor. Amando-nos através das ondas, vencemos o espaço. Amando-nos através da história, vencemos o tempo que já foi. E, com a imortalidade do nosso amor, venceremos a morte, no porvir.

Quando Portugal, honrando duas alianças, a aliança humana e a aliança inglesa, entra na falange das nações heróicas que se batem pela causa augusta do Direito imortal e da Justiça eterna, sente-se forte, ovante, esplendoroso, porque leva na alma, hóstia sagrada - a alma bendita do Brasil.

Exaltemos em coro imenso a Pátria irmã, aclamando Olavo Bilac, o seu grande poeta. Eu, beijando-lhe a fronte, beijo o Brasil no coração.

2 de Abril de 1916.

NOTES SUR LA SUISSE

M. Guerra Junqueiro, l'illustre poète portugais, qui a représenté son pays à Berne comme ministre plénipotentiaire, veut bien nous envoyer les notes que voici. Nous les insérons non sans quelque confusion. On les lira avec une émotion profonde et une reconnaissance infinie.

(Journal de Genève).

(FRAGMENT)

Pour moi, l'homme le plus grand, c'est le plus vertueux, le plus altruiste, le plus fraternel; et la nation la plus grande, celle qui réalise le plus de bien, c'est-à-dire le plus d'harmonie entre les hommes et entre les hommes et la nature.

En parcourant vos villes, vos champs, vos lacs, vos montagnes, en observant vos moeurs, en étudiant vos codes, en admirant le souple et ferme équilibre de votre organisme national, toujours le mot "harmonie" me revient aux lèvres, comme une synthèse de clarté.

Je n'ai jamais vu en Suisse ni la main tremblante qui demande l'aumône, ni la bouche cannibalesque qui blasphème, ni l'échine misérable courbée sous le fardeau, ni le regard terrible et suppliant de la victime innocente et malheureuse.

Chez vous, le droit est sacré, la justice est clémente et le crime est rare.

Vous aimez avec tendresse l'humanité et la nature, la femme et l'enfant, le nid et le berceau.

Dans vos écoles merveilleuses on enseigne la vérité, on donne l'instruction, mais comme auxiliaire indispensable pour la conquête du pain et de la vertu.

Vos croyances différentes, qui autrefois se persécutaient au nom des dogmes, aujourd'hui se rapprochent et collaborent au nom de la paix des âmes et du bonheur de la patrie.

Vous détestez la guerre, vous exécutez les conquérants, mais si l'on touche à votre indépendance, vous irez jusqu'à la mort pour la défendre. Le noble fusil de vos soldats, c'est une arme héroïque et religieuse qu'on peut présenter devant l'autel aux yeux d'amour de Jésus Christ.

Vous êtes un peuple extraordinaire, le plus individualiste et le plus national, le plus désireux de progrès et le plus attaché à la tradition. Votre radicalisme est conservateur et votre conservantisme est radical. Vous conservez à l'organisme de la nation tout ce qui

est vivant, vous enterrez tout ce qui est mort, et les perfections nouvelles, avant de les inscrire dans les codes, vous les créez dans vos âmes et dans vos moeurs.

Les citoyens farouches des peuples barbares disent toujours - moi. - C'est l'égoïsme violent, c'est l'anarchie. Les citoyens des peuples en décomposition disent humblement et lâchement - les autres.

- C'est la servitude, c'est l'esclavage. Mais les vrais citoyens, comme les Suisses, disent tout ensemble - moi et nous, ma liberté et mon devoir, mon foyer et ma patrie. Un pour tous et tous pour un. Votre devise.

Et cette harmonie splendide et souveraine, vous l'avez obtenue entre des races différentes et des éléments antagonistes, qui sont devenus complémentaires. Avec de la division et de la discorde vous avez produit la solidarité et l'amitié. Un miracle. Et d'où vient-il? Il vient de l'amour, de votre force morale, la force suprême de l'Univers. Pour bien le comprendre, regardez la constellation flamboyante des 22 drapeaux de vos États. Ils divergent par les couleurs, par les emblèmes, par leur caractère et leur histoire. Mais qui les assemble, qui les enchaîne comme des frères? Voyez l'étoile miraculeuse, l'étoile divine qui est au centre. C'est le drapeau de la Patrie et le drapeau de Jésus Christ: sur le rouge du sang et de l'aurore la croix éternelle de l'amour se découpe dans la lumière candide de vos neiges, dans l'extase idéale de l'innocence.

Et le drapeau chrétien de la Confédération, le drapeau de la Suisse (Schwytz) c'est le plus ancien de votre histoire, c'est le drapeau sublime de Schwytz. Avec une seule différence: La croix a grandi en devenant le coeur l'étendard.

Et, chose profonde, votre dernière constitution et votre premier pacte commencent adorablement par la même formule: - Au nom de Dieu - aujourd'hui. Au nom du Seigneur - il y a six siècles. Et cette formule, elle est encore vivante, parce que chez vous même les libres penseurs ont l'âme religieuse.

Par la force du bien, par la volonté et par l'amour, vous avez fait le vrai miracle de votre civilisation resplendissante.

Berna, 1913.

NOTAS SOBRE A SUÍÇA

O Sr. Guerra Junqueiro, ilustre poeta português que representou o seu país em Berna, como ministro plenipotenciário, teve a amabilidade de enviar-nos as seguintes notas. Publicamo-las não sem alguma comoção. Serão lidas com sentimento profundo e infinito reconhecimento.

(Jornal de Genebra).

(FRAGMENTO)

O maior homem para mim, é o mais virtuoso, o mais altruísta, o mais fraternal; e a maior nacionalidade, a que realize mais largamente o bem, isto é: mais harmonia entre os homens e entre os homens e a natureza.

Percorrendo as vossas cidades, os vossos campos, os vossos lagos, as vossas montanhas, observando os vossos costumes, estudando as vossas leis, admirando o suave e firme equilíbrio do vosso organismo nacional, a palavra "harmonia" acode-me constantemente aos lábios como uma síntese de claridade.

Nunca vi na Suíça nem a mão trémula que pede esmola, nem a boca impura que blasfema, nem o mísero dorso arquejando sob o fardo, nem o olhar terrível e suplicante da vítima inocente e desditosa.

Entre vós, o direito é sagrado, a justiça clemente, o crime raro.

Amais com ternura a humanidade e a natureza, a mulher e a criança, o ninho e o berço.

Nas vossas maravilhosas escolas ensina-se a verdade, professa-se a instrução mas como auxiliar indispensável para a conquista do pão e da virtude.

As vossas diferentes religiões, que outrora se hostilizavam em nome dos dogmas, hoje aproximam-se e colaboram em nome da paz dos espíritos e da felicidade da Pátria.

Detestais a guerra, execrais os conquistadores, mas se alguém atentar contra a vossa independência, ireis até à morte para a defender.

A nobre espingarda dos vossos soldados é uma arma heróica e religiosa que se pode apresentar, diante dos altares, aos olhos amorosos de Jesus Cristo.

Sois um povo extraordinário, o mais individualista e o mais nacional, o mais ansioso de progresso e o mais intimamente ligado à tradição. O vosso radicalismo é conservador, o vosso conservantismo é radical. Conservais tudo quanto está vivo no organismo da nação, enterrais tudo quanto morreu e criais primeiro nas vossas almas e nos vossos costumes os novos aperfeiçoamentos antes de os inscreverdes nos vossos códigos.

Os cidadãos ferozes dos povos bárbaros dizem sempre: - eu. - E o egoísmo violento, é a anarquia. Os cidadãos dos povos em decomposição dizem, humilde e cobardemente: - os outros. - E o servilismo, a escravidão. Mas, os verdadeiros cidadãos, como os Suíços, dizem conjuntamente: -eu e nós, a minha liberdade e o meu dever, o meu lar e a minha Pátria. Um por todos e todos por um. - Eis a vossa divisa.

E esta harmonia esplêndida e soberana foi realizada por vós entre diversas raças e elementos antagónicos, que se tornaram complementares. Com a divisão e a discórdia produzistes a solidariedade e o afecto. Um milagre! De que deriva ele? Deriva do amor, da vossa força moral, a suprema força do Universo.

Para claramente a compreenderdes, contemplai a constelação flamejante das vinte e duas bandeiras dos vossos Estados. Divergem pelas cores, pelos emblemas, pelo seu carácter e pela sua história. Mas quem as associa, quem as enlaça como irmãs?

Vede a estrela miraculosa, a estrela divina que está no centro. É a bandeira da Pátria e a bandeira de Jesus Cristo: sobre o vermelho do sangue e da aurora, a cruz eterna do amor recorta-se na cândida luz das vossas neves, no êxtase ideal da inocência.

A bandeira cristã da Confederação, a bandeira da Suíça (Schwytz) é a mais antiga da vossa história, é a bandeira sublime de Schwytz. Com uma única diferença: a cruz cresceu, transformando-se no coração do estandarte.

E, coincidência profunda, a vossa última constituição e o vosso primeiro pacto começam adoravelmente pela mesma fórmula: - Em nome de Deus - hoje. Em nome do Senhor - há seis séculos. E esta fórmula vive ainda porque, entre vós, os próprios livre-pensadores têm uma alma religiosa.

Pela elevação do bem, pela vontade e pelo amor, fizestes o verdadeiro milagre da vossa resplandecente civilização.

Berna. 1913,

Trad. de João Grave.

EDITH CAVELL

Palavras de "Miss" Cavell ao capelão inglês Gahan, algumas horas antes de morrer:

"Nada receio. Já vi a morte tantas vezes, que a não estranho, nem me assusta. Dou graças a Deus por estas dez semanas de tranquilidade antes de morrer. Passei continuamente uma vida agitada e cheia de obstáculos, e, por isso, este período de repouso o julgo uma grande mercê. Aqui foram todos bondosos para mim. Mas no momento supremo, em face de Deus e da eternidade, eu sinto e quero dizer aos homens que o patriotismo não basta: não devemos ter ódio nem azedume para ninguém."

Palavras de Junius, no "Eco de Paris":

Em balde procurei nos jornais alemães, que ultimamente tenho lido, uma frase, não direi de remorso nem de pesar, mas de simples embaraço ou constrangimento, sobre a execução de Miss Cavell. Um deles resume com frieza a opinião dos outros: "Quando se trata de uma sentença, não nos colocamos no ponto de vista subjectivo".

O horrendo assassínio de Miss Cavell pelo império alemão é já a crise delirante da ferocidade teutónica e demoníaca, o louco e pávido estrebuchar da bebedeira de sangue, orgulho e onipotência que fez da luminosa pátria de Goethe e de Beethoven a caserna ciclópica e sinistra do Kaiser, de Krupp e de Bismarck.

Miss Cavell gastou a vida inteira nos hospitais, cuidando enfermos piedosamente desde o raiar da alva até à noite, com mãos de carinho e bênção para os desgraçados que gemem, com olhos fraternos e celestes para os tristes que choram, com palavras de immortalidade e deslumbramento para as almas sem luz e sem guia que buscam Deus e o não encontram. E, se a existência de Miss Cavell, dedicada aos que sofrem, à dor e ao amor, foi alta e foi bela, a sua morte crua e esplendorosa foi mais do que bela, foi divina.

Miss Cavell achava-se na sua Pátria, quando as hordas sacrílegas da Alemanha, enforcando o direito e apunhalando a honra, invadiram a Bélgica. O heróico e sagrado holocausto desse pequeno povo, que é hoje, na ordem espiritual, um dos maiores do Mundo, traspassou-lhe de angústia o coração e correu a Bruxelas, onde há anos estava dirigindo virtuosamente, com pureza cristã, uma simpática escola de enfermeiras.

Diante do drama horroroso e augusto do martírio belga, escrito a fogo, a sangue e a lágrimas, por Deus e por Satanás; diante da avalanche execranda, esmagadora, inexorável, arrasando aldeias e cidades, igrejas e hospitais, choupanas e palácios, queimando bibliotecas, estilhaçando monumentos, massacrando na debandada as multidões inermes, escarnecendo e fuzilando sacerdotes, brutalizando mulheres, violando donzelas, numa raiva alcoólica e sangrenta de orgulho conquistador e

canibalesco, sem respeito nem a virtude, nem à miséria, nem à velhice, nem à virgindade, nem à cruz de perdão do Nazareno, nem à hóstia inocente dos altares; diante, enfim, do espectáculo sobre-humano de um povo a bater-se pelo direito com a certeza prévia da derrota, sacrificando liberdade e vida à vida dos outros, à liberdade do Mundo e à justiça eterna: a alma cristã de Miss Cavell ergueu-se instantânea, em súplica ardente, ao coração de Deus, e de lá baixou iluminada e perfeita para a obra de amor e de renúncia, que teve o martírio como epílogo.

A dor, exaltando-a e sublimando-a, tornou-a heróica e fê-la santa. Move-se ainda no Mundo, mas vive em Deus, esparge Deus, realiza Deus. E é então que a figura celeste de Miss Cavell atravessa imortal, numa onda de luz, aquela hecatombe demoníaca. Abrasada em amor e misericórdia, dia e noite percorre os hospitais de sangue, estancando golpes, curando chagas, aliviando tormentos, sem discriminar o soldado alemão do soldado belga, os ais do verdugo e os ais da vítima, porque a dor que implora é religiosa, e até a dos monstros ecoa em Deus e comove os santos.

Mas, além dos brados de angústia dos enfermos, chamavam-na ainda os cativos estóicos, silenciosos, os que pugnaram pelo direito e pela honra contra a iniquidade e contra a infâmia. Libertá-los era um dever sagrado perante Deus, e um crime de morte perante o Kaiser. A virgem heróica não hesitou um minuto: obedeceu ao dever, desafiando a morte.

Encarcerada e julgada militarmente, por dar evasão a prisioneiros, o acusador interrogou-a:

- É certo? É verdade?

Confessando, condenava-se. Podia mentir, podia iludir. Em transe desta ordem, a moral humana justifica dissimulações e subtilezas. A moral transcendente, a moral divina repele-as. O norte da existência é o bem, o amor, O bem infinito, o amor infinito, chamam-se Deus. O homem sobre-humano, o santo, engolfa-se em Deus, embebe-se em Deus, e inunda de amor e de piedade a dor eterna do Universo. E, se é necessário para chegar a Deus, acabar na cruz, indefeso se rende aos seus verdugos, e, crivado de golpes e de ultrajes, expira em Deus, abençoando e perdoadando.

A alma de Miss Cavell pairava já, extática e radiante, na graça imortal da manhã divina. Santificara-se. E quando o bruto e bárbaro juiz lhe perguntou se a acusação era exacta, se dera fuga aos prisioneiros, a mulher sublime, encarando os algozes, tranquilamente respondeu, como Jesus responderia:

- É verdade.

Miss Cavell ergueu-se naquele instante à esfera mais alta e luminosa da perfeição humana. Tocou o zénite da virtude. Os anjos sorriram-lhe, Deus admirou-a, e o tribunal, em nome do Kaiser, em nome da lei e do Império, condenou-a à morte. Ficou serena. Ia morrer pela verdade e pelo bem.

A legação de Espanha e a dos Estados Unidos intervieram inutilmente. O crime executou-se. Altas horas da noite foram buscar a vítima. Miss Cavell, andando, resplandecia. Exalava oração, deslumbramento, vida eterna. Pela dor e pelo amor vencera a morte. Perdoara afrontas, injúrias, iniquidades, e marchara em êxtase para Deus, levando no coração, como uma filha, aos ais e a escorrer sangue, a miséria dos homens e do Mundo.

Num pátio sombrio aguardavam-na os algozes - quatro soldados e o comandante. A alma divina da mártir olhou-os sem ódio e sem temor. Nem todas as forças brutas da natureza, voltando-se contra ela, a poderiam aniquilar. Mas, se a alma era invencível, a carne estava exausta. O corpo da santa desmaiou. O oficial, concluindo a tragédia, estourou-lhe o crânio com duas balas. Assassinou-a placidamente, gelidamente, maquinalmente.

Pois o que era ele (estava-o dizendo a si mesmo) senão uma ínfima parte da prodigiosa máquina de guerra, a Alemanha inteira, organizada pelo Destino, em meio século, para a conquista ovante do planeta? Máquina de morte e de triunfo que, rodando no globo, ia escravizá-lo, submetendo à hegemonia olímpica do Kaiser a alma das nações, o drama da história, os fados do Universo. A Bélgica louca resistiu-lhe, e ela esmagou-a como um verme. Contra o direito? Não. O direito é a força. O direito é o Kaiser, é Krupp, é Moltke, é Bismarck. O supremo direito é a suprema vontade da Germânia. Porque o direito da Germânia é o direito universal e o direito divino. A força alemã arquitectou-a o génio alemão, e o génio alemão criou-o Deus para dominar a Terra. O Kaiser, super-homem, é um vice-Deus hereditário, e a Germânia Mater o povo augusto, o povo eleito, o Povo Clarão, o Povo Messias, que guiará na viagem do Eterno, através dos tempos, a dolorosa e infinita marcha da humanidade. É o condutor, é o Redentor. Mas, em vez de crucificado como Jesus, crucificará, sendo preciso, o Mundo inteiro. O Deus da Germânia é o Deus dos exércitos, sem misericórdia para os fracos e sem perdão para os rebeldes. O evangelho novo há-de a Germânia triunfante ensiná-lo aos homens, com a eloquência arrebatadora dos seus canhões - os seus apóstolos. A ordem augusta vai fundar-se: Germânia - imperatriz do Mundo, Berlim - capital do Universo!...

Eis o que esteve sonhando, enquanto limpava e guardava o revólver cuidadosamente, o executor feroz da grande mártir. Depois bebeu, deitou-se e repousou como um justo. Lembra-se tanto de Miss Cavell como se lembra um temporal de uma folha morta.

Mas, dessa folha morta, desse cadáver desprezado, radiou no globo instantaneamente uma luz imortal, onde milhões e milhões de almas se inflamaram, coruscando de dor e de vingança. Baixou inexorável sobre a Alemanha patibular e execração do Mundo. Ergueram-se heróis, levantaram-se exércitos. E no infinito de Deus, na insondável paisagem da eternidade, enquanto que a alma gloriosa da mártir brilhava em estrela espiritual da constelação edénica dos anjos, a Alemanha rútila e soberba, a Alemanha ovante e formidável, com todas as chamas do seu orgulho e todo o

esplendor do seu império, não era mais do que um montão de larvas negras, de embriões de loucuras e de crimes, de fermentos sacrílegos, satânicos...

A justiça de Deus vai proclamar-se na Terra. O monstro espantoso será desfeito e aniquilado.

.....
.....

Barca de Alva, Outubro de 1915.

O MONSTRO ALEMÃO

ÁTILA E JOANA D'ARC

À FRANÇA HERÓICA E REDENTORA
À MÃE SUBLIME DE JOANA D'ARC

Bismarck não foi um grande homem, um grande génio. Génio, quer dizer criação impetuosa de harmonia, criação magnífica de amor. O heroísmo é génio. O herói supremo é o santo. O santo, conquistando pela virtude o máximo de amor a que se eleva o homem, alcança e casa o máximo de existência, o máximo de natureza, o máximo de vida. É no globo terrestre o mais prodigioso e puro unificador. O grande artista genial, quando a inspiração o deslumbra, irmana-se com o santo. Toda a arte sublime é religiosa. O génio do Bem e da Beleza têm ambos a mesma essência de infinito, o amor. Valem pelo amor que resumem, pela quantidade de Deus que encarnam e comunicam.

O génio do filósofo, estudando o Universo e descortinando-lhe as leis, faz a história raciocinada do amor, a teoria do amor. O artista e o santo geram e vivem o amor, espontaneamente, efusivamente, na acção e no êxtase. O filósofo descobre e encadeia os passos do amor, a marcha do amor, a vitória do amor. Os altos sistemas filosóficos resolvem-se, por natureza, em teologias. Um grande pensador é um teólogo. Mas um grande artista ou um grande herói é um taumaturgo. S. Francisco, Joana d'Arc e Beethoven fazem milagres.

O génio político do homem de governo paira mais baixo. Há-de amoldar-se, para se afirmar, ao corpo da nação. Não se amoldando, não se realiza. Os enxertos não prendem sem afinidade. Um belo ideal político é uma quimera, se as energias nacionais o não aceitam. Só os grandes povos têm estadistas grandes. O estadista de génio exalta e conjuga sinteticamente, equilibradamente, hierarquicamente, todas as forças vivas da nação, forças de riqueza e forças espirituais, e eleva a Pátria, pela vontade comum, ao grau mais alto de harmonia e de amor que lhe é possível atingir. E é quando a alma de uma pátria aspira ardentemente, e em vão, a um ideal soberano, que o génio do homem de Estado se revela com o seu poder maravilhoso. Tipo político perfeito - Cavour.

Cavour, unificando a Itália, engrandeceu-lhe o corpo e sublimou-lhe o espírito. Tornou-a mais forte, mais livre, mais bela, mais justa, mais heróica: mais italiana e mais humana. Todos os actos de violência da sua obra se casam e se convertem num círculo augusto de harmonia, num poema épico de amor. E a nobre figura genial destaca-se, robusta e luminosa, audaz e criadora, quer na perspectiva da Pátria, quer no horizonte da humanidade. Cavour é nacional e universal. Honrou a Itália e o género humano. Fulge na história, brilha no planeta. (5)

A unidade alemã encontrou em Fichte o seu Messias, o seu apóstolo. Pregou-a com ardor, com entusiasmo, com eloquência. O sonho de Fichte, absurdo e quimérico, à

primeira vista esplende nobreza, grandeza, generosidade. A raça alemã é a raça eleita, dizia ele, porque é a raça virtuosa, a raça humanitária, a raça cristã por excelência. Gerando amor, absorvendo Deus e espalhando Deus, diviniza o Mundo. A sua alma é a estrela do Bem, o sol da Beleza, a luz perpétua da Verdade. Todas as outras raças são grosseiras, são inferiores, porque vivem a vida materialmente. A alma alemã vive em ideal, vive em espírito. Unificando a Alemanha, constitui-se o reino de Deus, o reino de Jesus, para salvar e guiar a humanidade.

O evangelho de Fichte é um pangermanismo espiritual, mas que tem já em si, como veneno de morte em fruto de ouro, a essência do pangermanismo bestial do nosso tempo, o orgulho místico, desvairado, a megalomania louca e monstruosa. No idealismo e cristianismo de Fichte há ainda um bárbaro. No fundo da alma desse redentor dorme ainda um Átila. E é o bárbaro que, despertando, conquistará daí a meio século a unidade alemã.

Fichte ardia em quimeras. Mas a voz do apóstolo sacudiu como um tufão as labaredas gigantes daquele incêndio de revolta, onde a águia dominadora de Bonaparte queimou as asas para sempre. O profeta replicava ao déspota, como Waterloo ia replicar a Iena.

E, ao mesmo tempo que a Alemanha se emancipava de Napoleão, contagiava-se da alma da França, do espírito imortal de 89, criando em si um idealismo libertador e unificador, o sonho augusto de uma grande pátria, vivendo fraternalmente com a humanidade.

Mas, ao ideal unitário e democrático opunha-se ingenuamente o particularismo dos príncipes e dos nobres, dos velhos costumes e tradições. E, ao cabo de muitos anos de luta, a grande aspiração nacional, tornando-se por um momento irresistível, e julgando-se quase vitoriosa, abortava na inconsistência anárquica e doutrinária do parlamento de Francoforte. E a unidade alemã, que os poetas e os apóstolos candidamente conceberam pela justiça e pelo amor, vai Bismarck, o Mefistófeles, criá-la pelo ferro e pelo fogo, pela traição e pelo crime, pela mentira e pelo ódio. A obra de Bismarck resume-se nisto: engrandecer a Prússia e prussianizar a Alemanha. A Prússia é uma caserna teológica. Exala furor, obediência, dogma, hipocrisia. Tiranos e lacaios. O misticismo militarista da Prússia é o imperativo categórico do orgulho bárbaro e sem lei. O Prussiano é o vândalo feroz, automatizado e arregimentado. O ciclone educou-se e converteu-se em máquina. Fabrica-se por uma fórmula e desencadeia-se por um cronómetro. Arrasa uma nação, ordenadamente, implacavelmente, com a certeza algébrica Conquistar e devorar, eis o móvel eterno, o instinto directo da brutalidade orgânica da Prússia. Devora, mas não assimila. A França conquistou a Alsácia e tornou-a francesa. Depois de a abater, guardou-a no coração. A Inglaterra conquistou o Transval iniquamente, mas, dando-lhe a liberdade, seduziu-o, cativou-lhe a alma. Hoje é família inglesa. A Polónia prussiana abomina a Prússia, e a Alsácia e a Lorena, agrilhoadas, choram e sangram no cativo. A Prússia, odiosa, invejosa e rancorosa, só domina, esmagando. Ou faz vítimas ou faz escravos. Bismarck, engrandecendo-a, exaltou um monstro.

A obra de Bismarck é uma vertigem. Em oito anos, armou a Prússia até aos dentes, assaltou, como um quadrilheiro, a Dinamarca indefesa, atacou a Áustria e derrotou-a. A hegemonia desloca-se de Viena para Berlim. O núcleo da unidade alemã está na Prússia. À volta do planeta futuro, a Áustria, humilhada, gravitará como um satélite.

Mas, a Alemanha hesita. Espiritualmente, a verdadeira Alemanha detesta a Prússia. O génio imortal da Alemanha chama-se Durer, Leibniz, Bach, Goethe, Beethoven. É antiprussiano porque é humano. A alma da Prússia é estéril. Não cria Beleza, não canta na luz, não vive no Universo. O seu ritmo lírico é a marcha mecânica e furibunda - o passo de parada. Caserna torva e burocracia militar.

A Alemanha não se juntou à Prússia contra a Áustria. Bismarck avalia bem a natureza antagónica do espírito alemão e do espírito prussiano. Dois inimigos aparentemente irreductíveis como hão-de casar-se e harmonizar-se? Ligando-os pelo mesmo desejo indómito e frenético, a unidade da raça, que acordará nas duas almas divergentes os mesmos impetos bárbaros e ancestrais. Se a Prússia de Moltke e de Bismarck lhe der a unidade, a Alemanha de Fichte prussianiza-se. O sonho candente da vitória submetê-la-á, enlouquecendo-a. Necessita-se uma Prússia forte e vitoriosa. Bismarck, o titã, incorpora-lhe o Hanôver, o Nassau, Francoforte, a Alemanha rebelde. É já um monstro temeroso. E depois, com habilidade satânica, mentindo, atraíndo, falsificando, desencadeia a guerra de morte com a velha inimiga secular, e arrasta electrizada a Alemanha inteira, ávida de despojos e de grandezas, coruscante de orgulho e de ambição. Como havia de resistir à avalanche tremenda a França decadente do imperador sonâmbulo, a França de Morny e de Offenbach, de Olivier e de Le Boeuf? Bismarck esmagou-a e mutilou-a. A unidade alemã estava feita.

Bismarck, engrandecendo a Prússia, criou um monstro na Alemanha, e, engrandecendo a Alemanha, criou um monstro planetário. Intoxicou a Alemanha com a alma da Prússia, e, anexando a Alsácia e a Lorena, apunhalou estupidamente e cobardemente a alma da França e da humanidade. A obra é gigantesca, mas infernal. O psicólogo é prodigioso e o homem de acção, dominador. Realizou em poucos anos o ideal teutónico de muitos séculos, forjou com mãos de ciclope uma Alemanha ovante, burlou as nações, desorientou os governos, aturdiu o Mundo. Bismarck, que descende de Hegel, é parente próximo de Nietzsche. A filosofia de Nietzsche é o evangelho de Satanás. Bismarck executou-a. No fundo da Super-Alemanha de Bismarck há o super-homem de Nietzsche. É o mesmo desejo amoral e desenfreado, a mesma vontade bárbara e diabólica. O direito começa no desejo ímpio, e acaba unicamente onde a força acabou. Mede-se pelas garras e pelo alcance dos canhões. O super-homem é o supermonstro. Nietzsche desenvolve a teoria abstracta, no tempo e no espaço. Bismarck realiza-a, politicamente, na Alemanha. Nietzsche acabou doido, e a Alemanha satânica, criada por Bismarck, agita-se pavorosamente numa loucura infrene e colectiva que horroriza o Mundo.

Não há dúvida que Bismarck combateu sem descanso o pangermanismo exaltado e desvairado, porque via nele a morte do Império, a ruína futura da sua obra. Não o

condenava como injusto, como infame. Idealmente era bom, era lógico, mas praticamente, inoportuno. Bismarck, saturado de Maquiavel, conhecia a obra que levantara e os perigos temíveis que a rodeavam. O pesadelo de Bismarck era o do criminoso: a justiça. Há uma ideia que o não larga, que lhe rouba o sono, que o faz tremer: a coalizão. Sente que chegará, e que, mais cedo ou mais tarde, é inevitável. Sim, inevitável. Criou o monstro, deu-lhe o seu espírito, e o monstro gigante, ébrio de orgulho e de furor, hiperbolizando-se, dilatando-se, quer conquistar e devorar a Terra. Ai dele, aí do império! Finis Germanite!

Bismarck reage, luta, admoesta, exorta, mas em vão. Tudo inútil. O capacete prussiano deformou o cérebro da Alemanha; desumanizou-o, prussianizou-o, bestializou-o. O pangermanismo é o bismarckismo integral Bismarck levado à última potência. Reventlow e Bernhardt incluem-se em Bismarck, como na flor a semente e na semente a árvore.

O destino da Alemanha prussianizada não podia ser outro. A obra de Bismarck, duas vezes infernal, pela alma do autor e pelo carácter da nação, tinha de conduzir o Império irremediavelmente à espantosa tragédia a que chegou. Bismarck não foi um grande homem, foi um grande prussiano. Na Alemanha imperial é um astro, na humanidade é um borrão de treva.

A Alemanha, unificando-se, pangermanizou-se. O orgulho místico e brutal, guerreiro e voraz, latente no sangue, acorda e desencadeia-se com fúria no pangermanismo bruto e dominador.

A essência da alma de Bismarck e da sua obra é esta: Quem tem a força tem o direito. O direito mede-se pela força. Krupp é o jurisconsulto do Império.

O pangermanismo, filho de Bismarck, concluiu: A Alemanha é invencível. A força da Alemanha é ilimitada. O Mundo pertence-lhe. Devoremos o Mundo.

Bismarck criou o ciclone e quis detê-lo. O ciclone varreu o gigante e prosseguiu na marcha formidável. Para continuar a obra do semideus decrépito, do herói caduco, o pangermanismo glorificou-o, ergueu-lhe altares, levantou-lhe estátuas, mas arrancou-lhe o poder. O titã, humilhado, bramiu oito anos furiosamente, satanicamente, na jaula de Varzin. Oito anos, até à morte, a espumar ódio!

O kaiser juvenil, rutilante de orgulho, nimbado de glória, frenético de pompas e de grandezas, sucedeu a Bismarck. A Alemanha encontrou nele o Imperador ideal. O pangermanismo não era uma seita numerosa de visionários e de fanáticos, era a Alemanha toda em corpo e alma - o sangue, a carne, os instintos, os desejos, as crenças, as ideias. Pangermanismo de teólogos e de filósofos, pangermanismo de sábios e de artistas, pangermanismo de industriais, pangermanismo de agricultores, pangermanismo de comerciantes, radiando e convergindo para um centro único - o pangermanismo militar. Nas fornalhas de Krupp batia, monstruoso, o coração da Alemanha.

A Alemanha, eleita de Deus, governaria

o Mundo pelo terror. Seria uma escola imensa, um laboratório imenso e uma fábrica imensa, à volta de uma caserna descomunal. Trinta ou quarenta mil canhões de Krupp, a rodar no globo, pregariam à humanidade, submetida, a cultura alemã e o direito alemão. O kaiser governaria o planeta. Berlim capital do Universo!

E toda a Alemanha vivia misticamente, religiosamente, este sonho execrando de canibais, esta loucura negra e demoníaca!

O imperador sintetizou a Alemanha. Era nacional o seu orgulho despótico e fabuloso, o seu misticismo de caserna, truculento e bárbaro, o seu mercantilismo cúpido, ávido de ouro e de negócios, a sua cabotinagem pomposa, enfática e ridícula, a sua estética grotesca de caixeiro-viajante imperial, a sua doblez de lago debaixo do manto de Lohengrin, o seu maquiavelismo estúpido e desconexo, e, finalmente, a sua loucura sinistra, a sua demência horrenda e vertiginosa.

O kaiser não era um louco individual, era a síntese faustosa da loucura alemã, da Alemanha em delírio. O Deus do Kaiser é o superlativo do kaiser e da Alemanha, é o kaiser absoluto, o Hohenzollern incriado e criador, sem princípio nem fim. A Alemanha invocando e adorando Deus, invoca-se e adora-se a ela mesma. O seu Deus é o seu infinito: o infinito orgulho, o infinito rancor, a infinita ambição, a infinita mentira, a crueldade infinita - Satanás. A Alemanha satanizou-se. (6)

Todas as energias ciclópicas do monstro alemão se distenderam para um crime: devorar o Mundo. A Alemanha organizou em quarenta anos a mais estupenda máquina de guerra que os séculos têm visto. Com oito milhões de soldados obedientes e ferozes, um comando implacável e matemático, uma artilharia de extermínio que arrasa cidades e fortalezas a sete léguas de distância, uma esquadra gigante, e um bando de zepelins vomitando fogo, a Alemanha grandiosa, a Alemanha única, invencível na terra, invencível no mar e invencível no espaço dominaria o Mundo.

Mas as nações inquietas acordavam, a resistência futura adivinhava-se. A Alemanha ia dar o golpe. Era certa a vitória.

A França, politicamente anarquizada, antimilitarista e malthusiana, debatendo-se em lutas de classes, e em ódios religiosos, sem fé, sem unidade, sem governo, débil de corpo e alma, capitularia antes de um mês. A Rússia, tenebrosa e sonâmbula, amorfa e selvagem, alcoólica e mística, administrada por uma burocracia onnipotente e venal, de influência alemã, não tinha organização, nem tinha exército. Os revolucionários e os Polacos haviam de agitar-se. Sob a avalanche teutónica, o colosso branco ficaria esmagado. A Inglaterra egoísta, prática, utilitária, seria neutra por natureza. Não podia intervir ainda que quisesse. O seu desmedido império teratológico, de frouxa coesão, de equilíbrio instável, desagregar-se-ia imediatamente. Revolução na Índia, na África, no Egito. Cartago não arriscaria nem um marinheiro nem um xelim.

O triunfo era evidente. A Alemanha, sem hesitar, declarou a guerra. E nesse dia espantoso, o mais negro da história, de morte e horror para a humanidade, desabrochou

na Alemanha ovante uma primavera de almas e corações. Dia de júbilo sem termo, dia de apoteose e de milagre! O sonho bárbaro de quinze séculos ia finalmente realizar-se. O clamor indómito do povo atroou os ares, nos olhos das mães e das noivas fulgiram lanças, os bardos cantaram, os teólogos ergueram hinos ao Criador, os velhos, já inúteis, sentiram-se felizes, e o Deus da Prússia e dos Exércitos, o kaiser imortal que está no Céu, deitou-lhes a bênção da eternidade. E toda a Alemanha, demoniacamente, num furacão de orgulho e de vitória, encarnou em Átila. Átila, mensageiro de Deus, Imperador do Mundo!

Mas a Inglaterra, em vez de abandonar a França, uniu-se-lhe logo, alma com alma, até à morte. A Alemanha esbravejou, furibunda: Que surpresa! Era uma traição, uma loucura... Tanto pior para Cartago, suicidava-se. Os guerreiros de Átila invencíveis, transpando a Bélgica livremente, em duas semanas esmagariam a França, conquistando Paris. Depois, em dois meses desbaratavam a Rússia. Depois, o triunfo completo e vertiginoso, a humanidade nas garras da Alemanha, o Mundo escravo de Berlim, o kaiser Imperador supremo do Universo!

Como responderia a Átila o Universo? Momento de angústia, divino e trágico!... A guerra espantosa ia dar o balanço às forças morais da humanidade.

A Bélgica neutra invocou o Direito. Átila retorquiu: O direito é a minha espada, os meus canhões, o meu exército. - E os tratados? - Farrapos de papel. - E a dignidade, a honra? - A honra é vencer e aniquilar o inimigo.

A avalanche teutónica, furiosa, inundou a Bélgica. A Bélgica, violada, quase inerte diante do monstro, podia submeter-se, protestando. A resistência era a morte, a miséria, um mar de sangue, um mar de lágrimas. E a Bélgica heróica, a arder em fé, bateu-se impavidamente pelo Direito com a certeza inteira da derrota. Deu-se, em holocausto de fogo, à Justiça imortal, à Verdade eterna. E, cruciada, martirizada, ensanguentada, ficou épica e grande num calvário, olhos em Deus, escorrendo estrelas, a alumiar o Mundo. Não tardarás a descer da cruz, nação augusta, mais formosa e mais livre do que nunca!

As hordas bárbaras, torrentes de ferro e fogo, ávidas de ouro e de conquista, assaltaram a França. O monstro da noite ia devorá-la, a doce França, a clara França gerada na luz, rainha da Ideia e da Beleza, senhora da Graça e da Harmonia. Heróica e dolorosa, combateria até à morte, mas era-lhe impossível resistir àquela avalanche de inferno - hecatombe, devastação, pilhagem, carnagem bruta e saturnal. Átila, espartilhando a França, dominaria o Mundo. Civilização, Justiça, Direito, palavras mortas. A Besta feroz onipotente, e o género humano escravo e desonrado. A noite da história. O Anticristo venceria Jesus, e a águia de batalha do kaiser pousaria, sacrílega, no elmo de ouro de Atenéia. A França agonizava. O génio latino ia apagar-se.

E a França maravilhosa, num ímpeto de vontade arrebatador e criador, incendiou instantaneamente, vibrando-as ao infinito, em labareda, todas as potências da sua alma. Dez séculos de história imortal correram-lhe nas veias, bateram-lhe no coração,

inflamaram-lhe o espírito. Magnanimizou-se, sobre-humanizou-se, chegou ao zénite de luz da vida heróica, tocou em Deus. E diante da bárbara Alemanha, satânica e monstruosa, encarnada em Átila, ergueu-se, deslumbradora e sublime, a França eterna, polarizada em Joana d'Arc! (7)

E a França de Joana d'Arc, numa batalha de milagre, conteve repentinamente, varada de assombro, a onda exterminadora e gigantesca. Milagre, sim: milagre de heroísmo, de razão e de fé, milagre do Povo de Joana d'Arc. A batalha do Mama, salvando a França, salvou o Mundo. E depois, Veroduno! Que prodígio!... Horas imensas, instantes sem fim, minutos de Deus!...

Esta guerra é demoníaca e santa. É a guerra da Iniquidade com o Direito, da Besta com o Espírito, de Átila com Joana d'Arc. Quem vence? Joana d'Arc. A espada fulgurante da Mulher Arcanjo traspassará de lado a lado o coração do monstro. A Alemanha orgulhosa quis dominar a Terra, e debaixo dos pés do género humano, golfando sangue, uivará de dor. (8) Ambicionou todas as pompas e riquezas do Mundo, e ficará indigente. Sonhou a glória imorredoura, a glória única, e tem de expiar, de joelhos, através dos séculos, a imortalidade dos seus crimes.

Triunfa Joana d'Arc! Joana d'Arc, expressão culminante da França, encarna a Pátria, abarca a humanidade, convive com os anjos e perde-se em Deus. Triunfa na Pátria, porque a Pátria, que resgatou e que a gerou, é neste momento a sua eucaristia verdadeira, a sua imagem épica e celeste. Triunfa na humanidade, porque dez povos heróicos combatem ao seu lado, a vitória imortal não tarda a abrir as asas, e palpita por ela o coração do Mundo. Triunfa no Céu, porque da Terra varada de dor, inundada de sangue e orvalhada de lágrimas, brotam lírios de fé, lírios de chama, das campas nascem cruces, das bocas voam preces, os joelhos dobram-se, as almas rezam, e, cheias de infinita angústia, só encontram em Deus - infinito amor, a infinita paz!...

.....

Barca de Alva, Março de 1918.

NOTAS DO AUTOR

1 Este artigo foi escrito em 1888. Corrigi-o, creio em 1904 e publiquei-o depois na Alma Nacional. Agora emendei-o de novo, eliminando várias passagens, umas Inúteis ou deficientes, outras condenadas hoje pelo meu espírito.

Eu tenho sido, devo declará-lo, muito Injusto com a Igreja. A Velhice do Padre Eterno é um livro da mocidade. Não o escreveria já aos quarenta anos. Animou-o e ditou-o o meu espírito cristão, mas cheio ainda de um racionalismo desvairador, um racionalismo de ignorância, estreito e superficial. Contendo belas coisas, d um livro mau, e muitos vezes abominável. Há na grandiosa história do catolicismo páginas de horror, mas a Igreja com os Evangelhos cristianizou e salvou o Mundo. No catolicismo existem absurdos, mas no âmago da sua doutrina resplandecem verdades fundamentais, verdades eternas, as verdades de Deus. A força moral do catolicismo é hoje imensa, não pode negar-se.

2 O êxtase em S. Francisco e em todos os verdadeiros e grandes santos não é quietismo egoísta. Resulta da acção e gera-a de novo com mais ardor. Não é letargo, é fonte de acção, é hiperacção. A alma do santo embebe-se em Deus, e irradia-o depois, em actos de amor, na humanidade.

3 Cortei deste prefácio meia dúzia de linhas e uma página dos meus Ensaio Espirituais, ainda hoje inéditos. Havia nessa página, algumas ideias excelentes, que mantenho ainda, mas havia outras que rejeitei depois.

4 A Virgem Mãe é uma criação do espírito. A sua existência é ideal, não biológica.

5 A unidade da Itália não prejudicou a Igreja, fortaleceu-a. O poder temporal do papa era anticristão.

6 O Satanás bismarckiano era Mefistófeles. O da Alemanha actual é o Porco Sujo.

7 Toda a França, católica ou não católica, se polarizou em Joana d'Arc. Joana d'Arc é o símbolo augusto da Pátria, a flor divina da raça.

8 O que aconteceria, se a resistência da Alemanha determinasse a invasão.